



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MÁRCIO DE MELO PORTES**

**SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES**

**Brasília – DF  
Dezembro/2013**

MÁRCIO DE MELO PORTES

## SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Monografia apresentada à Faculdade de Educação (FE) como requisito à obtenção do título de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB).

**Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina S. Cerqueira**

Universidade de Brasília (UnB)  
Faculdade de Educação

Brasília – DF  
Dezembro/2013

Portes, Márcio de Melo

**Sexo e sexualidade na formação de educadores.** /  
Márcio de Melo Portes – Brasília, 2013.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade de  
Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2013.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina S. Cerqueira

1. Sexo. 2. Sexualidade. 3. Formação de educadores. 4.  
Pedagogia. I.Título.

MÁRCIO DE MELO PORTES

**SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação (FE) como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), apreciada e aprovada em 20 de dezembro de 2013 pela banca examinadora composta por:

---

**Prof<sup>a</sup>. Teresa Cristina S. Cerqueira**  
Universidade de Brasília (UnB)  
Orientadora

---

**Prof. Álvaro Sebastião T. Ribeiro**  
**Secretaria de Educação do GDF**  
Membro externo

---

**Profa. Denise de Oliveira Alves**  
**Universidade Católica de Brasília**  
Membro externo

Brasília  
Dezembro/2013

Dedico este trabalho: A meus pais Eurípedes Portes (In memoriam )e Maria Aparecida Melo Portes. A meus irmãos: Meire, Aldeonoff, Marilene, Alberto, Maristela e Eurípedes, com eles aprendi a compartilhar tudo que dispunha.

A meus filhos: Yuri, Guilherme e Cínthya, por eles me faço melhor a cada dia.

A Flávia minha companheira, sem seu apoio e organização, não teria concluído esse trabalho.

Aos protetores espirituais, que me fortalecem e estimulam à reconstrução diária.

## AGRADECIMENTOS

Obrigado àquele que nos dá, todos os dias, o ar puro e frescor da manhã que chega carregada de esperanças e novas expectativas. Que por sua vontade faz brilhar o sol nos aquecendo e estimulando para a jornada diária; que faz crescer toda a vegetação existente que é a base alimentar de todos os seres que vivem na terra e no ar. Essa mesma inteligência suprema, criadora de todas as leis naturais, rege desde o vida dos unicelulares, o desenvolvimentos dos cristais, os dobramentos geológicos, a formação do magma no interior da terra, o movimento das marés sob influência da lua renovando a atmosfera, ao ciclo de vida e morte de todos os seres vivos, ele mantém as estrelas no infinito, faz viajar a luz através do espaço insondável, o movimento e pulsar das galáxias no universo desconhecido; nos dá o dom da vida e a possibilidade de evolução na passagem por muitas existências, onde a evolução é o destinos de todas as criaturas. É “Ele” que administra uma enormidade de trabalhadores espirituais de todos os níveis evolutivos, com eles mantém e organiza todas as atividades planetárias. É pela graça de DEUS que vivemos num eterno aprendizado vida após vida, a essa sabedoria superlativa e indescritível, minha eterna gratidão.

Agradeço a meus avós, tios e tias, que já passaram para o plano espiritual, mesmo considerando-me um cara “esquisito”, sempre demonstraram seu amor e carinho por mim, entre eles cito os tios: Enock, Urgel, Agda, Sarkis, Luiz Carlos (Nêgo), Eurica, Zezé, Mário e vários outros foram e continuam sendo seres admiráveis, também modelos em minha auto-construção.

A meus pais, que me deram a vida, condições e motivações para continuar aprendendo humildemente. A meus irmãos com os quais cresci, estimei e fui estimulado pelos erros e acertos nossos, com eles aprendi a dividir, ser solidário e muitas outras qualidades.

A meus filhos, que buscam reformar a si mesmos. Por existirem estimularam minha necessidade de crescimento interior e aprimoramento espiritual, me fazem melhor dia-a-dia.

A Tia Clarice, por sua confiança, solidariedade, apoio e carinho. Quando estive “sem chão sob meus pés”, ofereceu-me suas mãos, obrigado por me receber sempre com os braços abertos, por ser para mim uma segunda mãe.

A Maria (Ica) Fernandes (in memoriam), nos tempos mais difíceis, sempre podia contar com sua casa e seu coração, sempre estiveram abertos para me receber, seu apoio, consideração e cuidado, foram em muitos momentos de minha vida, um porto seguro.

Aos colegas com os quais compartilhei a coordenação do CA-Centro Acadêmico, do DCE (Juliana Queiroz e Rodrigo, "O Pilha"), do Projeto Reciclando o Cotidiano, do Projeto Segundo Tempo na FEF, aos que me estimularam à superação de dificuldades e me apoiaram na jornada acadêmica nem sempre fácil.

A Flávia minha companheira, por acreditar em mim. Pelo cuidado que me tem desde que nos conhecemos, pelo afeto, apoio, carinho, sustentação emocional e estímulo diários, por me mostrar que a tarefa é necessária para nossa própria elevação.

Aos professores (as), com seu carinho e dedicação ao processo de ensino e aprendizagem se tornaram meus mestres. Pela admiração e respeito mútuos a ligação com alguns deles permanecerá, pois conseguimos nos perceber como pessoas semelhantes e solidárias. A Paulo Bareicha, Renato Hilário, Elício Pontes, Maria Luiza Pinho, Vera Lessa Catalão, Fátima Vidal Rodrigues, Rogério Córdova, Teresa Cristina Cerqueira, Mário Ângelo e outros não citados aqui meu afeto e admiração.

A todos os funcionários que fazem com que a Faculdade de Educação seja um "organismo vivo", funcionando em seus variados departamentos.

Aos amigos da ONG-EDUCAVIDA: Fernando Alves, William Silva, Jean Alencar, Victória Almeida, Priscila Rodrigues e Wanslei, alguns se tornaram essenciais.

Agradeço também a todas as pessoas que se fizeram importantes pra mim, que estiveram comigo em boa parte do trajeto de minha vida, que não foram citadas alguns deles não estão mais nesse plano terreno.

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina S. Cerqueira, minha digníssima orientadora que com paciência, carinho e conselhos pontuais me conduziu ao término desse trabalho Meus agradecimentos aos caríssimos Mestres Álvaro Sebastião Teixeira e Denise Alves, por terem aceitado participar da banca examinadora, apesar da exigüidade de tempo disponível para avaliar o trabalho, muito me honram com suas presenças.

*“É preciso que a educação esteja... adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história...” (Paulo Freire)*



## **RESUMO:**

Esse trabalho tem como objetivo geral investigar a abordagem de sexo e sexualidade na formação de educadores na Faculdade de Educação, compreendendo sexo e sexualidade como temas indispensáveis à formação do ser humano. Por ser inerente a cada ser, refletindo em todas as áreas da vida humana, sexo e sexualidade na formação de educadores foram as questões centrais da presente pesquisa, sob a hipótese de que não há abordagem significativa na formação de educadores para o empoderamento destes no que se refere a sexo e sexualidade. Para melhor compreensão do assunto, foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa, com método hipotético-dedutivo, que visa analisar por meio dos dados obtidos através de resultados de quarenta questionários aplicados e análise documental, o problema de qual a abordagem de sexo e sexualidade na formação de educadores. Para tanto, definiu-se três objetivos específicos: analisar os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais no que se refere a sexo e sexualidade; investigar o espaço concedido a sexo e sexualidade no currículo da Faculdade de Educação da UnB; e analisar os dados obtidos no questionário aplicado a alunos do curso de pedagogia. Através dessa pesquisa notou-se que: os graduandos de pedagogia da Faculdade de Educação não estão preparados para lidar com questões relacionadas a sexo e sexualidade; o próprio curso de pedagogia não tem um currículo que contemple sexo e sexualidade ou formação que atenda aos PCN, portanto, não dá subsídios ou prepara adequadamente o pedagogo para o enfrentamento dessas questões no exercício da profissão.

**Palavras-chave:** Sexo, sexualidade, formação de educadores, pedagogia.

## **ABSTRACT**

This work has as main objective to investigate the approach to sex and sexuality in teacher education in the Faculty of Education, including sex and sexuality as issues essential to the formation of the human being. Because it is inherent in every being, reflecting in all areas of human life, sex and sexuality in teacher training were the central questions of this research, under the assumption that no significant approach in the training of educators to empower those in refers to sex and sexuality. For better understanding of the subject , a qualitative and quantitative research with hypothetical- deductive method , which aims to analyze through data obtained from results reported questionnaire and document analysis was conducted , the problem of what approach to sex and sexuality in the formation educators . To do so, we defined three specific objectives: to analyze the cross-cutting themes of the NCP - National Curriculum Parameters in relation to sex and sexuality; investigate the space afforded to sex and sexuality in the curriculum of the Faculty of Education at UNB , and analyze data obtained from questionnaires administered to students of pedagogy. Through this research it was noted that : the pedagogy of undergraduate School of Education are not prepared to deal with issues related to sex and sexuality , the pedagogy course itself has a resume that includes sex and sexuality or training that meets the NCP , therefore gives subsidies or adequately prepares the educator to face these issues in the profession.

**Keywords** : Gender , Sexuality , teacher training , pedagogy.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

P. 46 GRÁFICO 1 – POSIÇÃO DO ALUNO NO FLUXO DO CURSO

P. 47 GRÁFICO 2 – MEIO DE OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE SEXO E SEXUALIDADE

P. 50 GRÁFICO 3 – PERGUNTA 12

P. 51 GRÁFICO 4 – PERGUNTA 15

P. 51 GRÁFICO 5 – PERGUNTA 14

P. 52 GRÁFICO 6 – PERGUNTA 13

P. 53 GRÁFICO 7 – PERGUNTA 16

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**CIFRATER**    **Cidade da Fraternidade**

**ETFGo**        **Escola Técnica Federal de Goiás**

FE              Faculdade de Educação

FEF             Faculdade de Educação Física

LDB             Lei de Diretrizes e Bases

OSCAL         Organização Social Cristã “André Luiz”

PCN             Parâmetros Curriculares Nacionais

RECIFRA      Reflorestadora da Cidade da Fraternidade

UnB             Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>1 MEMORIAL</b>	<b>15</b>
<b>2 INTRODUÇÃO</b>	<b>28</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>29</b>
3.1 SEXO E SEXUALIDADE	29
3.2 EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS	33
<b>4 METODOLOGIA</b>	<b>39</b>
4.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS DA METODOLOGIA	39
4.2 CONTEXTOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA	40
4.3 PROBLEMA, HIPÓTESE E OBJETIVOS DA PESQUISA	40
<b>5 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>41</b>
5.1 O PCN E O CURRÍCULO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO	41
5.2 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	46
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>54</b>
<b>7 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS</b>	<b>56</b>

## **APRESENTAÇÃO**

Essa monografia é considerada requisito parcial à obtenção do título de graduação de Pedagogia da Universidade de Brasília. O presente trabalho monográfico constitui-se de três partes principais. A primeira parte consiste no memorial, onde descrevo meu percurso até o fim do curso de pedagogia na Universidade de Brasília, levando em consideração alguns momentos de minha escolaridade e experiências vivenciadas que influenciaram na condução do curso, bem como o ingresso no curso de Pedagogia e alguns momentos relevantes que obtive durante os anos que estive na Universidade. A segunda parte corresponde a pesquisa propriamente dita: introdução com considerações iniciais e justificativa da relevância da pesquisa, em seguida referencial teórico utilizado como base na pesquisa, metodologia e desenvolvimento da pesquisa juntamente com os resultados obtidos a respeito do problema e análise dos dados. A terceira parte diz respeito as minhas perspectivas futuras em relação á profissão de pedagogo, expondo o que pretendo realizar após a conclusão do curso perante a sociedade.

## 1 MEMORIAL

Nasci em Araguari, cidade do triangulo mineiro onde também nasceram meus pais e ainda vive parte de minha parentela. Neto de padeiro e lavrador, filho de marceneiro, mãe costureira, portanto de família humilde onde sou o terceiro de sete filhos. Os primeiros elementos de aprendizagem aconteceram a partir da convivência em família, com meus pais, irmãos, primos, tios e avós; ali tudo era de suma importância e contribuiu enormemente na minha construção pessoal, meus valores e significações tomaram corpo nessa interação.

Meu pai, homem trabalhador, honesto, muito sociável, severo na educação, duro e rígido em suas convicções, mesmo assim afetivo e amoroso com os filhos; era funcionário público e viajava muito a trabalho. Tinha muita habilidade ao trabalhar com marcenaria, gostava muito de ler, de animais, de treiná-los e cuidar deles, foi um aprendizado e modelo admirável para não esquecer jamais.

Minha mãe, mulher simples, sensível e forte o bastante para gerenciar a vida de sete filhos e dar-lhes direção. Ensinava cotidianamente os sentidos: de respeito, de honestidade, de dignidade, de moral e bons costumes, nos fortalecendo o caráter. Mantinha atenção ao marido e nos juntava a todos dando o sentido de família. Estava sempre ocupada com as exigências do trabalho doméstico, ficava atenta aos detalhes, se esforçava para que tivéssemos tudo a tempo e nas condições adequadas para as nossas necessidades. Tomava todas as decisões domésticas, corrigia os filhos diariamente, fazia com que cumprissem suas obrigações regulares e também amava ao meu pai; pois havia brincadeira, carinho, afeto e ternura entre eles na maior parte do tempo que ficavam próximos.

Desde que me percebo como ser pensante, minha motivação interna sempre foi a descoberta das coisas e a busca por conhecimento. Se surgia a possibilidade de aprendizado ou que eu a percebesse possível de acontecer sem muitos riscos, despertava-se em mim o interesse de pronto.

Durante minha infância e mesmo na adolescência, eu simplesmente perdia a noção de tempo transcorrido. Minha necessidade de ler, ver, descobrir, conhecer, avaliar e refletir sobre tudo que minha mente alcançava, superava minhas obrigações e outras necessidades. Mentalmente, estava em atividade constante de acordo com meus interesses, o que acontecia fora disso, assumia uma relevância secundária para mim.

Uma das descobertas mais interessantes e significativas foi perceber que nem tudo que aprendia era para ser feito igual, como cópia carbono ou reprodução simples. Novos saberes sempre foram processos estimuladores da minha criatividade, da minha capacidade de inovação, de absorver conhecimentos novos e adequá-los aos meus, da percepção de mim e do outro, de pensamentos, sentimentos e emoções. Tudo o que conseguia perceber e observar deixava elementos importantes para elaboração de meus caminhos pessoais, diretrizes e de minha capacidade de discernir entre o certo e errado. Como observador atento, eu era capaz de adequar e modernizar tudo que via, transformava-me constantemente de espectador a ator. Interagia e sentia todas as dores necessárias ao processo de aceitação das mudanças interiores, tão e mais importantes que apenas ver a vida acontecer. Eram tantos os interesses, que não conseguia participar de tudo o que desejava.

Minha vida escolar começou aos sete anos de idade quando fui matriculado na Escola Primária Ubanista (Uban), que ficava não muito distante de minha casa. No primeiro dia de aula foi tudo surpresa, umas boas outras nem tanto. Ao dar o sinal as professoras reuniram todos os alunos no pátio da escola, em fila e na ordem por tamanho para que a diretora falasse a todos a respeito do início do ano letivo, das normas da escola e para que cantássemos o Hino Nacional antes de entrarmos na sala para a primeira aula do ano, sendo que, para mim, era a primeira aula de minha vida e tudo era novidade.

A diretora D. Zaida tinha expressão de poucos amigos, parecia brava sempre. Às vezes, entrava nas salas de aula carregando nas mãos uma régua de madeira de um metro de comprimento, mostrava-a em gestos ameaçadores ao dirigir-se aos alunos para manter a ordem e disciplina. Acho que naquela época ela estivesse em torno de quarenta e cinco anos de idade, era solteira e vivia com sua mãe e irmã numa casa a menos de trinta metros da escola.

Minha irmã mais velha me levava para a escola pela manhã aos primeiros raios de sol. Eu levava dois cadernos, um de caligrafia, um para anotações, uma cartilha de alfabetização, lápis, borracha, lápis de cor, apontador, régua e às vezes lanche para o recreio. Dona Zélia minha primeira professora era jovem, suponho que tivesse uns vinte e cinco anos na época, era bonita, casada, não sabia se tinha filhos, mas era suave e gentil como poucas pessoas que conheci. Apesar das



dificuldades naturais na primeira escola, minha professora era muito paciente ao ensinar-me as primeiras letras, conseguia dar atenção a todos, fazia a aula motivadora e variada. Havia atividades de desenho e preenchimento de cores em formas impressas carimbadas em folhas de papel de objetos, ambientes e animais diversos. Cantávamos músicas com temática infantil, fazíamos exercícios de escrita com modelos de letras e palavras no caderno de caligrafia e para terminar a aula ela lia um dos livros de estória infantil. Essa professora foi muito importante em toda minha formação, foi quem me ensinou a gostar de ler, quando eu ainda não sabia que me daria tanto prazer e que seria tão importante na minha história. Percebo hoje que desde os primeiros dias de escola conhecia dois universos distintos: o espaço comum, pátio, corredores e espaços marcados com a presença da diretora que era sempre de insegurança e temor; e outro em sala de aula com a professora Zélia que tornava o ambiente agradável, suave e seguro. Fui alfabetizado com essa professora e nessa escola.

No ano seguinte fui para uma escola pública: Grupo Escolar “Cristo Redentor”. Nessa época havia dois primeiros anos, um fraco e um forte. Fui matriculado no primeiro ano (fraco), depois de um mês de aula passei para o primeiro ano forte. Nessa escola a diretora D. Alice tinha boas maneiras, parecia gostar das crianças, suave e sensível. Estudei no Grupo Escolar “Cristo Redentor” do primeiro ao quarto ano primário. A professora do primeiro ano, D. Yone era muito exigente, gritava muito com os alunos que falassem entre si ou não prestassem atenção as aulas. Paciência não era sua maior virtude, calma não era sua característica mais favorável. Dela recebi muitas vezes puxões de orelha, que parecia querer arrancá-las com os dedos, esses puxões eram sempre acompanhados de gritos que desqualificava e humilhava a todos os que passavam pela situação. Eu cometia um erro gramatical recorrente, ela me corrigia gritando: “Antes de P e B, só se coloca M”, ao mesmo tempo me beliscava ou puxava minha orelha com fúria.

Quando criança não conseguia articular encontros consonantais tipo: br, cr, dr, pr, tr em vez deles articulava bl, cl, dl, pl, tl, entre outros. Nas aulas de matemática D. Yone regularmente me escolhia para ler os números até 40 bem como o resultado de outras operações que se fazia no quadro, principalmente as que eu tinha dificuldade de pronunciar e que aos gritos ela me fazia repetir por três

ou quatro vezes. Isso foi motivo de muita vergonha pra mim perante os colegas da escola, não consegui esquecer esses momentos ou compreender sua atitude.

No ano seguinte dona Luciana foi minha professora, tranquila e equilibrada. Era bom ir para a escola e assistir suas aulas, com ela não havia gritos, beliscões ou puxões de orelha. Era agradável e feliz ser conduzido por dona Luciana entre ditongos, tritongos e hiatos. Ela se afastou próximo ao final do ano por estar gestante, mas deixou suaves lembranças. Foi substituída por dona Zenaide que deu continuidade ao ano seguinte, era muito exigente e brava, passava a matéria no quadro, dava explicações sucintas sem repetições e não era possível pedir explicações sem passar por um “carão”. Tinha dois filhos dela na mesma turma que eu, eles eram os piores alunos da turma e exemplos de mau comportamento no grupo escolar. Disputavam a liderança na escola, brigavam aos socos dentro de sala ou qualquer lugar por qualquer motivo. Eram os maiores, mais velhos da turma e ambos repetentes de ano. Tudo isso parecia aumentar sua irritação e justificativa de sua impaciência. Ela fazia da sala de aula uma extensão de sua casa. Não os admirava por isso e não foram modelos para mim. Mas de alguma forma isso também teve importância em minha formação e na maneira como aprendi a avaliar todas as situações vivenciadas. Com base nos fatos e elementos observados ia fazendo minhas escolhas e correções. No quarto ano chegou uma professora que me deixou encantado desde que a vi, Maria das Mercês era seu nome. Tive uma paixão de pré-adolescente, foi ótimo me tornei um dos melhores alunos da turma naquele ano.

Ao lado do Grupo Escolar Cristo Redentor havia uma instituição social católica, a LBA - Legião Brasileira de Assistência, onde trabalhavam freiras que também faziam evangelização. De vez em quando uma delas ia até o grupo passando de sala em sala oferecendo cursos de catequese para primeira comunhão. Em uma dessas visitas eu estava mais sensível, o que me motivou a participar, pois, queria muito encontrar respostas a respeito de Deus, dos segredos que regem a vida, das relações pessoais e todas as diferenças observadas por mim na infância. Durante a catequese resolvi perguntar sobre uma dúvida que me incomodava a respeito de Deus e sobre os conceitos que nos eram expostos das qualidades divinas, tais como: ser o máximo em generosidade, senso de justiça, bondade, perfeição e etc. Eu confrontava isso com as diferenças e variações

biológicas, incluindo nisso as questões de raça, masculino ou feminino, distribuição desequilibrada de riquezas e posses, aspectos sociais e culturais que percebia impregnadas na vida de todas as pessoas que conhecia. Ter apenas uma vida para viver com destino final para o “paraíso celestial”, um purgatório temporário ou o “inferno escaldante” e terrível por toda a eternidade, deixava em mim uma sensação de vazio que trazia um monte de perguntas, muitas das quais ainda sem respostas. Pensava; para que houvesse justiça deveríamos ter oportunidades, experiências iguais, semelhantes ou mais de uma vida para que houvesse possibilidade plena de crescimento e evolução para todos os seres vivos. Isso significaria renascer depois de morrer ou multiplicidade de existências, com amplas possibilidades de desenvolvimento individual até a plenitude e harmonia de toda a humanidade.

Sendo assim, um dia perguntei: *Irmã como pode Deus criador de todas as pessoas, do mundo e do universo, ser bom, justo e perfeito, se tem crianças no mundo que nascem em família rica, tem tudo que precisam, boas roupas, o pai tem dinheiro, carros, fazendas, podem viajar nas férias, ganham presentes quando fazem aniversário e natal, tem do bom e do melhor ? Enquanto outras são pobres, não tem o que vestir, moram em barracos feitos de latas, papelão e restos de madeira de construção, vivem doentes, passam fome, frio e muitas necessidades, quase nunca ganham presentes e quando ganham, não são os melhores. Olha só Irmã, eu tenho só duas calças compridas, elas foram do meu tio, depois do meu irmão e só agora são minhas, estão curtas e apertadas porque estou crescendo. Minha família é pobre, não ganho presentes no aniversário, em alguns anos no natal, às vezes em vez de brinquedos ganho roupa ou calçados. Além disso, moramos numa casa de dois quartos, feita de tijolos, sem reboco, temos saúde e comida todos os dias. Mas do lado de minha casa mora uma família de “pretos” que invadiram o terreno. Meu pai, mesmo não gostando de pretos, ficou com pena das crianças dormirem ao relento e ofereceu a sala de nossa casa pra elas dormirem, apenas o casal ficou no terreno vizinho com sua mudança. Mas a situação mais difícil de entender é a do filho mais velho deles, que além de ser preto, feio, é “doido”, zoroastro, muito mais pobre que eu e depois que cortou o tendão de Aquiles ficou manco. Então Irmã como é que pode Deus ser bom e justo, se temos apenas uma vida e vamos para o céu ou inferno depois de morrer, se não temos as mesmas coisas e “vida” ? Ou Deus não é bom e justo ou temos que ter mais de uma vida*

*para viver? A senhora pode me explicar isso?* Ela respondeu: *“Meu filho, isso é mistério de fé!”* Eu perguntei: *Irmã, onde é que posso descobrir os mistérios de fé?* Ao que respondeu ser na bíblia, disse em seguida que iria na minha casa falar com meus pais e me explicar melhor. Mesmo com muitas dúvidas continuei nas aulas de catecismo até minha primeira comunhão. Por alguns anos fui a Igreja aos domingos, me confessava e comungava regularmente, até que meus “pecados” eram tantos que não conseguia contá-los ou confessá-los todos, aí desisti de ser católico.

Em seguida comecei a freqüentar a mocidade do Grupo de Fraternidade “Irmão Aniceto”, um centro espírita kardecista, porque um de seus membros ia todos os domingos buscar a mim e meu irmão as oito horas da manhã para participar das atividades do grupo jovem. Alguns anos depois fui eleito presidente da mocidade espírita. Nossas reuniões de estudos da doutrina espírita, acontecia aos domingos, depois de fazermos a campanha de fraternidade para arrecadação de alimentos, que seriam distribuídos entre pessoas necessitadas selecionadas pelo departamento de assistência social do “grupo”. Nesse período como representante da mocidade espírita, tive a oportunidade de durante reunião com entidade espiritual incorporada, elaborar questões a respeito da atração que pessoas sentem por pessoas do mesmo gênero e suas implicações espirituais. No movimento espírita, encontrei muitas das respostas que procurava sobre Deus e a necessidade humana da experiência reencarnatória para sua evolução.

Iniciei no então chamado 1º grau, ou seja, no período de quinta a oitava séries no Instituto Joana D’Arc, uma escola particular próxima de minha casa. Seu diretor era um homem austero e exigente. Antes do toque do sinal para começar as aulas na manhã de meu segundo dia na escola, o diretor veio ao meu encontro, parou na minha frente dizendo meu nome esperando a confirmação. Quando disse que sim, entregou-me uma folha de lixa que tinha nas mãos e disse: *“Você é aluno da escola e tudo que está na nela me pertence. Eu não vendi nenhuma das carteiras, você não tem o direito de escrever nelas nem colocar o seu nome, portanto você vai lixar a carteira tirando o seu nome escrito e envernizá-la, deixando-a como estava antes”*. Fiquei constrangido e envergonhado pelo erro cometido, mas ele tinha toda a razão, eu não devia ter escrito o meu nome como quase todos faziam nas escolas públicas. A lição valeu por toda a minha vida, eu a cumpri sem reclamações aproveitando o aprendizado. Nessa escola aprendi a desenvolver valores como: ética, moral,

civilidade, direitos, deveres, respeito, auto-respeito, dignidade, confiança, compartilhamento, entre outros.

Aos catorze anos de idade comecei a trabalhar com carteira assinada e tive que mudar de escola pois no “Joana D’Arc” não havia aulas no horário noturno. Vivenciava minha adolescência nesse período, fazia parte de uma turma de amigos, todos moravam próximos uns dos outros, nos conhecíamos desde a infância, não havia muitos segredos entre nós a serem descobertos.

Aos quinze anos estudava então numa escola pública municipal onde tinha aulas de dezenove às vinte e três horas de segunda a sexta-feira, era longe de minha casa, ia de bicicleta do trabalho para a escola. Nessa época não havia iluminação pública nas ruas esburacadas daquele bairro onde ficava a escola, o que fazia das idas uma aventura nem sempre agradável, que se tornava pior em noites de chuva na volta para casa. Assim foi por dois longos anos nessa escola, trabalhava o dia todo me deslocando de bicicleta, à noite estava sempre com fome, exausto e cochilava muito durante as aulas. Por fim, desisti e parei de estudar, me mudando de Goiânia para Brasília, onde resolvi morar, antes de concluir o primeiro grau, na metade da sétima série.

Em Brasília estava por conta própria, sobrevivência era a palavra de ordem, trabalho era necessário e o mais importante. Eu precisava comer e ter onde morar. Escola e estudos ficaram em segundo plano, pois, eu mal conseguia pagar em dia o valor do aluguel de um quarto sem banheiro em Taguatinga. Voltei a morar em Goiânia quatro anos depois, quando retomei os estudos no Instituto Joana D’arc a noite, então conveniado com a Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Fiz a sétima série que havia abandonado sem conclusão, em seguida a oitava série quando então fui orador da turma na cerimônia de formatura. No ano seguinte participei de seleção para a Escola Técnica Federal de Goiás, para fazer ensino Técnico em Edificações, depois de selecionado e dois anos de curso, abandonei a ETFGO e fui morar na Chapada dos Veadeiros em Alto Paraíso de Goiás, na CIFRATER-Cidade da Fraternidade uma comunidade espírita rural que recebia crianças de zero a seis anos da Fundação de Serviço Social-DF, pós-abandono ou ausência dos pais. A Cidade da Fraternidade é uma obra da OSCAL—Organização Social Cristã André Luiz, uma instituição filantrópica com sede em Belo Horizonte e filiados em várias cidades do Brasil. A escola atendia aos internos, trabalhadores da

Cidade da Fraternidade, RECIFRA e moradores da região. Nessa escola eu dava aulas de educação física e atividade esportiva, orientado por uma professora minha amiga, mas sentia faltar uma boa formação. A comunidade funcionava no sistema de casas/lar com um casal ou adulto responsável pela orientação, cuidados necessários às crianças e ou adolescentes que eram naturalmente tratados como se fossem filhos ou esperava-se que assim fosse. Esses moradores e responsáveis por um lar, dedicavam-se a obra no ensejo de colaborar voluntariamente na formação espiritual para evolução do ser que se encontrava encarnado na condição de abandonado infantil, tinham também outras tarefas de interesse coletivo na comunidade.

Para a formação educativa escolar, havia disponível para as crianças: maternal, jardim de infância e ensino fundamental com base técnica agrícola, com atividade escolar de seis horas por dia. Essas crianças poderiam viver na comunidade como internas até 18 anos, após esse período elas poderiam integrar o quadro de trabalhadores da comunidade ou serem transferidas para as instalações de Brasília para continuarem os estudos e se preparar para empregos ou deixarem a comunidade caso assim o desejassem.

Durante o período em que estive morando na CIFRATER, percebi a necessidade de concluir e obter uma certificação de conclusão de 2º grau ou ensino médio. Inscrevi-me no CESAS - Centro de Estudos Supletivos, em Brasília onde fiz as provas para exame supletivo. Obtive assim a certificação de conclusão de segundo grau após aprovado nos exames. Fiquei durante dois anos morando na Cidade da fraternidade onde fazia trabalho voluntário na administração da comunidade e da escola, fazia também conservação e manutenção do pomar e das cercas. Tive um casamento ocorrido nesse meio tempo, morei com três crianças frágeis emocionalmente que requeriam atenção por problemas de saúde sob minha responsabilidade, tive atividade regular noturna na casa de oração e atendimento social a população do entorno, e, tempo depois, me mudei para Brasília com minha companheira.

Em Brasília fiz um curso rápido de Transações imobiliárias no SENAC 702/902 Sul e fui trabalhar numa Imobiliária na venda de terrenos urbanos da periferia de Luziânia. Em agosto de 1982 tive um encontro com Síri Singh Sahib Bhai Sahib Harbhajan Singh Khalsa Yogui-Ji, um Maha Tantric ou seja: o maior

mestre Yogue Tântrico vivo no mundo. Por ele fui iniciado durante um Curso de Tantra yoga, ao final do curso tive a oportunidade de vivenciar um processo de regressão ao ventre materno conduzido pelo mestre. Ao término desse evento, o mestre, que me deu o nome espiritual de Síri Dharma Singh, me convidando então a morar em “Guru Ram Dass Ashram” um centro de Kundalini yoga, onde eu participaria de todas as atividades, naturalmente aprendendo as práticas de Kundalini yoga e meditação. Esse centro era dirigido por um norte-americano e sua esposa, seus discípulos.

Após minha mudança para o Ashram dei continuidade às orientações recebidas ao final do curso pelo Mestre Síri Singh Sahib. No Ashram, tive experiências que me encorajaram na busca de auto-conhecimento, fui levado a ter uma compreensão muito mais dilatada das relações humanas e suas implicações. Também foi nesse período que comecei uma aproximação maior com o tema sexo e sexualidade, através de buscas pessoais, a prática de Kundalini yoga e outras ciências que favoreceram conhecimento a respeito do tema. Tempo depois me mudei para Manaus, lá tive um choque com a valorização exagerada das pessoas por sexo e comida. As vivências já me conduziam para uma aproximação, estimulação e maior curiosidade para compreender e desvelar os fenômenos relacionados ao sexo e a sexualidade humana.

Após um ano retornei a Brasília, então fiz um curso técnico em fisioterapia, vários outros de trabalho corporal e terapias alternativas. Eventualmente fazia assessoria, promoção de eventos de terapias alternativas e iridologia em várias capitais do país dos quais também participava. Concomitante a essas atividades montei uma clínica de massoterapia, yoga-terapia e orientação alimentar natural alternativa para tratamento de saúde. Fiz curso preparatório para vestibular, queria fazer medicina na UnB, depois de três tentativas consecutivas desisti, pois reconheci não estar preparado para a concorrência. Nesse período me tornei pai. Por estar sempre atento a temas como alimentação natural, saúde e todos os aspectos envolvidos para sua manutenção, me interessei na fabricação de sorvetes com sabor natural, tanto me envolvi que tomei a iniciativa de fazer um curso em São Paulo com um mestre sorveteiro italiano radicado em Bolonha, Itália e montei uma sorveteria na asa norte. Nesse período tive mais um casal de filhos, hoje alunos da UnB.

Em 1996 fui a Fortaleza promover um curso de iridologia e permaneci por três meses. Várias situações que envolviam gênero me chamaram a atenção e passei a observá-las. Entre elas uma postura antagônica dos nascidos homens. De um lado a relação dos homens hétero-sexuais com as mulheres assumia uma postura extremamente machista, sexista e autoritária; que a expectativa das mulheres em relação aos homens era de subserviência, aceitação de dominação e autoridade. De outro lado uma grande quantidade de homens homossexuais declarados; eram promotores de eventos, artistas de rua e teatro, caracterizando-se de personagem travestido de mulher e bem aceitos socialmente apesar da cultura machista. Percebi também que havia grande número de mulheres homossexuais e bissexuais, estas passavam despercebidas pela maioria das pessoas. Essas situações me demonstravam que havia algo mal resolvido e não declarado em relação ao sexo e a sexualidade no "modus-vivendi" daquela coletividade, isso despertou minha curiosidade e interesse em estudar o fato.

Depois de algum tempo em Brasília, fui a Goiânia passar uma temporada, e fiz curso técnico em saúde segurança do trabalho no SENAI, por dois anos. O intuito era atualizar meu conhecimento e adequação a uma nova realidade de saberes. Alguns anos depois recomecei a pensar em fazer um curso superior na área de filosofia ou educação. Inscrevi-me para prestar vestibular na Universidade Federal de Goiás (UFG) para filosofia, em seguida no mesmo semestre para pedagogia na Universidade de Brasília (UnB). Para minha feliz surpresa passei nos dois vestibulares e optei pela UnB por ser uma universidade mais bem qualificada e de maior importância. Aos cinquenta anos um curso superior era uma nova oportunidade de reconsiderar valores e significados.

Vim de Goiânia onde morava à época, para cursar pedagogia na Faculdade de Educação -UnB. Nos primeiros meses fiquei hospedado na casa de uma tia que morava em Taguatinga-DF. No primeiro semestre minha grade horária não me favorecia muito, já que na segunda feira tinha aulas de manhã e a noite, portanto ficava o dia todo na FE, chegava em casa com frequência após meia noite precisando de banho, cansado e com fome. Apesar das dificuldades me sentia extasiado... Recomeçar os estudos depois de tantos anos, numa universidade, na UnB... Era muito mais do que tinha sonhado, depois de já ter vivido tantas coisas.



Joguei-me confiadamente como muitos na interação com os colegas de turma, desde o primeiro dia na Faculdade de Educação, percebi que teria de me adaptar e aceitar algo que nunca tinha sentido antes, a rejeição e preconceito, essas questões me aborreceram, causando dissabores e constrangimento. Eu era “velho” demais para estar fazendo o curso de pedagogia, onde a grande maioria tinha a idade de meus filhos.

Felizmente na interação com a maioria dos colegas pude perceber carinho, amizade e respeito de muitos, essas pessoas vão estar pra sempre no meu coração. O estabelecimento de minha amizade com essas pessoas na faculdade, dos trabalhos de grupo, na participação de projetos me deu sustentação emocional para não desistir. Na Faculdade de Educação estive como representante discente junto ao PAD, na gestão do CAPE, do DCE, em várias atuações de projetos de interesse da comunidade acadêmica e projetos sociais.

Sentia dificuldades para corresponder a expectativa dos professores, principalmente em relação à produção acadêmica de textos, mas também a quantidade de textos para serem lidos regularmente. Acho que deveria haver mudanças na grade curricular e deveria ser oferecida como disciplina obrigatória no primeiro semestre e se possível outras fases de “Leitura e produção de textos”. A participação na vida acadêmica mudou minha visão de mundo, abriu possibilidades que eu pensava já não ser mais possível, me mostrou também que tinha um nível diferenciado de saberes, de atitudes e comportamento que em alguns aspectos dificultava minha experiência (as tecnologias). Das muitas coisas interessantes, importantes no desenvolvimento da aprendizagem e formação do pedagogo é a inteireza do “espaço pedagógico”. Todos os encontros, palestras, oficinas, seminários e congressos, é campo de enriquecimento na formação do pedagogo e construção de seu equilíbrio afetivo e amoroso.

Na primeira fase do projeto 3, participei do Fórum EJA, mas não me senti aceito pelo grupo durante o projeto, apesar de participar regularmente, tinha muita dificuldade com a “ferramenta” (computador), acho que esse foi um dos motivos pelos quais o grupo não me acolheu.

A segunda fase do projeto 3 fiz com Fernando Alves sob coordenação do Prof. Paulo Bareicha, cujo tema era DST’s, Aids e sexualidade, desde então me envolvi no projeto apesar de considerar que se devia abordar mais sobre sexo e

sexualidade, não apenas gênero, preconceito, DST's, HIV/Aids. Passei então a participar da ONG-Educando para a Vida (EDUCAVIDA) coordenada por Fernando, onde faço palestras nas escolas da rede pública sobre: prevenção às DST's, gravidez indesejada, violência, drogas, preconceito e cuidados básicos sobre sexo e sexualidade. Fui também representante da ONG no FOA-Fórum ONG's Aids, DST's e hepatites virais. Na ONG-EDUCAVIDA, participei de seminários, congressos, encontros, várias ações e cursos em várias cidades brasileiras.

Participei por dois semestres como professor de disciplina cuja abordagem era prevenção às DST's, HIV/Aids e noções básicas sobre sexo e sexualidade para pré-adolescentes e jovens no Projeto Segundo Tempo, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup> Marizeth que acontecia regularmente no período vespertino na Faculdade de Educação Física-UnB, com alunos de uma escola pública da Vila Planalto.

Na terceira fase do projeto 3, participei da coordenação e implantação do projeto de educação ambiental "Reciclando o cotidiano" a convite da Professora Vera Lessa Catalão. Fiquei nesse projeto por dois semestres, publicamos uma cartilha, várias oficinas na FE e participei de diversas ações promovidas pela NAA-UnB (Núcleo de Agenda Ambiental-UnB), coordenei visitas a várias empresas de coleta e seleção de reciclados em Goiânia com toda a turma do projeto. Fui também o responsável pela inscrição da UnB no Fórum Social Mundial acontecido em Belém-PA, onde a UnB participou ostensivamente com aproximadamente 250 pessoas.

A fase 1 do meu projeto 4 foi a aplicação de projeto 3 na Faculdade de Educação sob coordenação do Prof. Paulo Bareicha, cuja temática era, "Sexo sexualidade, prevenção a DST's, HIV/Aids e hepatites virais" incorporadas ao projeto base "Teatro eco-pedagógico".

A segunda fase do projeto 4 foi super interessante e muitíssimo enriquecedora essa etapa do projeto na formação de professores de EJA, junto ao GEMPEX e sob a coordenação de seu representante-mor o Professor-Doutor Renato Hilário dos Reis com ações de acompanhamento em sala de aula do trabalho de professores na Escola Classe 1 do Itapoã e reuniões semanais no Paranoá, colaborando na formação de professores de educação de jovens e adultos, do projeto da Secretaria de Educação "Brasília Alfabetizada".

Apesar de super interessante todo o trabalho e envolvimento ao projeto EJA do GEMPEX, o projeto de educação ambiental sob a coordenação da Professora Doutora Vera Lessa Catalão, sinto falar muito forte em mim a importância que tem o conhecimento de sexo e sexualidade, necessário a cada indivíduo para a construção e entendimento pessoal de sua manifestação sexual.

O projeto (Monografia) 5 ou TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), me trouxe um problema, a principio sem solução. É que não acontecia nenhum projeto sobre sexo e sexualidade, não há professores que trabalhem com esse tema. Na Faculdade de Educação os projetos assemelhados tratam das questões de gênero e preconceito, problemática super importante e necessário a abordagem e enfrentamento para se constituir uma realidade de igualdade de direitos, no entanto essa alternativa não atendia meu Projeto 5 cuja abordagem é então “Sexo, sexualidade e a formação de professores”. A partir dessa ausência e necessitando concluir o curso, comecei a buscar um professor que pudesse me ajudar a direcionar meu trabalho, transformar minhas idéias e pesquisa de campo na “monografia”, ao mesmo tempo que pudesse contribuir com outros trabalhos, pesquisas futuras ou mesmo a inserção da disciplina “Sexo e Sexualidade” no currículo da Faculdade de Educação. Tive então três experiências não muito agradáveis, foram três semestres perdidos. Na primeira vez o professor me sugeriu mudar de tema, com minha recusa disse de antemão que não poderia me orientar na realização do trabalho e pesquisa, pois, não dominava o tema proposto. Então não consegui escrever a “mono” sozinho. Mas não desisti, felizmente encontrei a professora Teresa Cristina que com sua generosidade me ajudou na organização da escrita e com quem pude falar a respeito do tema. Assim deixo aqui minha contribuição, no intuito de provocar discussões e mais pesquisas, para que possamos desvelar esses secretos da história de nossas vidas, nos elevando a condição de maior entendimento de nós, do outro e dos conflitos que nos envolve.

Não posso deixar de ressaltar nesse memorial que a vida mostrou me caminhos para o encontro com a espiritualidade e questões existenciais. Que ainda criança, me sentia instigado para a leitura. A curiosidade de saber esteve presente em minha infância, adolescência e toda a minha vida, revelava de mim, traços de uma natureza exploradora conduzindo-me a auto-descoberta o que exige minha transformação constante.

## 2 INTRODUÇÃO

No cenário mundial e, especificamente no Brasil, os representantes das sociedades pasmam-se diante das expressões pelas quais se manifestam a sexualidade, as questões de gênero e a prática sexual humana. Não se sabe as razões para o estarrecimento frente a essas temáticas: se são motivados por controle do Estado, da Igreja e dogmas religiosos, pelo conservadorismo social, pela falta de conhecimento ou, ainda, pela inabilidade em prover aos sujeitos sociais ferramentas suficientes para a compreensão das temáticas e das lacunas de saber libidinal (pessoal) que as envolve.

A ausência de discussão e entendimento sobre a sexualidade humana acaba por limitá-la a uma questão meramente ligada ao gênero por falta de se conhecê-la apropriadamente. Desta incompreensão nasce um agravante: a manifestação da sexualidade individual surge como um grito inconsciente do sujeito, em sua incompletude, tornando-o um problema social, por não se adequar ao esperado pela sociedade que o constituiu e que não o aceita.

A expressividade desses fatos, as manifestações de cada sujeito e dos coletivos em busca de auto-entendimento, deixa clara a necessidade de busca e elaboração de novos rumos para a educação e formação de professores, no que concerne ao conhecimento da sexualidade humana em suas diversas expressões.

Essa inadequação social acontece porque: não há orientação adequada em sua formação como ser humano, porque a educação não se compromete na preparação integral do sujeito, porque não cabe apenas a escola essa formação, mas, sim a vários elementos nos quais se insere sua particular interação social, importantes e necessários à sua construção individual, onde cada sujeito compartilha e integra à construção da coletividade da qual pertence ou se sente partícipe.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 SEXO E SEXUALIDADE

**Sexo:** Segundo AURÉLIO: *Conformação particular que distingue o macho da fêmea nos animais e vegetais, atribuindo-lhes um papel determinado na geração e conferindo-lhes certas características distintivas. Os órgãos sexuais externos. As mulheres: O sexo fraco, sexo frágil. Os homens: O sexo forte. O terceiro sexo os homossexuais.*

**Sexo,** órgão (órgão sexual) copulador: no homem pênis e nas mulheres vagina. Sexo também é o nome que se dá a prática sexual ou coito, independente do gênero com quem se compartilha ou quantidade de parceiros (as). Na biologia é o termo que se usa para identificar as diferenças de gênero, ex: masculino/feminino, nas plantas e nos animais...

#### **Sexualidade:**

A palavra sexualidade, segundo o Dicionário Houaiss é um substantivo feminino, definida como: "A qualidade do que é sexual, conjunto de caracteres especiais, externos ou internos, determinados pelo sexo do indivíduo, sexo" e ainda, no âmbito da psicanálise, como "o conjunto de excitações e atividades, presentes desde a infância, que está ligado ao coito, assim como aos conflitos daí resultantes". A "sexualidade não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas de toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância, que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual".

É polimorfa e polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e mantém uma relação direta com a simbolização do desejo. Não se reduz aos genitais, pois em qualquer parte do corpo é possível ter a sensação de prazer sexual, o que torna passível de alcance a satisfação sexual mesmo sem a união dos genitais.

A sexualidade refere-se à emoção que o sexo pode produzir, transcende definições físicas e se coloca como algo mais difuso que permeia todos os momentos da vida.

A **sexualidade humana** tem características de subjetividade, pois que é a maneira como cada sujeito a expressa em sua inteireza particular. Não se pode defini-la de forma cerceadora e limitada, mas com amplitude e muito diferenciada de pessoa para pessoa de acordo com seu momento e suas complexidades. A sexualidade acontece também de acordo como cada indivíduo se percebe e muito do que não percebe de si.

Sexualidade é a maneira como cada sujeito a manifesta nas escolhas que faz: do grupo social ao qual se sente inserido e aceito, com quem compartilha do momento em que vivencia seu espaço tempo; na composição de sua vestimenta, no falar, no seu gestual, na sua maneira de ser, em sua busca de equilíbrio e auto-aceitação. Ela é manifestada em seus aspectos psicológicos e emocionais; diferenciadamente em cada ser humano, de acordo com sua aceitação e interação afetiva familiar, em conformidade aos vários grupos dos quais é partícipe e ou deseja aceitação social.

### **Sexualidade**

Se, se considerar a principio as dificuldades inerentes ao conhecimento do outro, portanto diferente de sua natureza biológica essencial e a qual espontaneamente reconhece, podem ser fatores de inibição na interação de diferentes e talvez complementares. Se todos os seres humanos nascem naturalmente de sexo masculino ou feminino, portanto biologicamente completos, pressupõe-se que estejam prontos para a interação com o sexo oposto em sua fase adulta. Ao longo do desenvolvimento histórico de cada ser humano parece ser agregado ao seu modo de vida, inumeráveis e variadas normas de limitações e imposições sociais; que geram enormes dificuldades e impedimentos para o exercício pleno de sua manifestação sexual no período natural de suas descobertas nesse campo do auto-conhecimento.

Grande aporte de fatores e elementos adversos, originados da falta de conhecimento da sociedade a respeito desse assunto, que apesar de ser o meio pelo qual a humanidade inteira nasce e se renova; discutir e ou publicar informações claras a respeito é visto como se fosse inadequado, sujo, “pecaminoso”, amoral e de maneira negativa; principalmente pelos representantes da sociedade que deveriam

estar livres para orientar aos seus pares, pela confiança que deveria ser natural entre as partes interessadas.

[...] A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é -- ou não -- natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. (Louro, 2007, p.11)

Por “aceitarmos”, como “normas naturais” estabelecidas pela igreja e utilizadas por ela desde sua criação ao longo de toda a existência da humanidade cultural cristã no ocidente, normas constituídas para controle social, estabelecida como “pecado” pela igreja aos seus fiéis, no entanto liberada para a reprodução e a constituição familiar. Fora desse contexto era e é ainda e oficialmente inaceitável, sendo que aquele que descumprir essas orientações da igreja está sob o “pecado e recebendo influência maléfica ou demoníaca”; considerados os encontros erótico/sexuais fora do casamento, como indignos para todos os cristãos.

Mesmo numa sociedade “moderna” onde a pressão social, o descumprimento das normas e regras estabelecidas pela igreja cristã a respeito da prática sexual e erótica entre as pessoas; essa mesma sociedade parece não perceber que há muito para se conhecer a respeito desse tema. A sociedade como um todo não discute, nem busca encontrar respostas a respeito da sexualidade além da reprodução e das biologicamente aceitas pelo senso comum. Não se pesquisa seriamente sobre suas energias, sua força geradora de tantas motivações e transformações humanas.

*Segundo Veronese, a cultura é transmitida principalmente através da vida, é evidente que os pais são os primeiros “educadores” para a sexualidade. Eles deveriam ser os primeiros a explicar o sexo aos filhos, com palavras e em tempo oportunos. Mas a ignorância nesse campo e a delicadeza do assunto fazem com que raramente o façam; em geral o que acontece é que as informações sobre o sexo, mais ou menos fantasiosas, são transmitidas por adolescentes a outros adolescentes, como num círculo vicioso, continuando a guiá-los pela vida, uma vez que,*

*depois da adolescência, dificilmente os filhos aceitam o diálogo com os pais sobre esse assunto. Por outro lado não basta a informação, ainda que científica e moderna sobre o sexo, vê-se nos países escandinavos, onde a instrução sobre o sexo --- e os contraceptivos---dada há anos nas escolas não deu os frutos esperados para a vida dos jovens. VERONESE,GIULIA, Dimensão Humana do Sexo- corporeidade e amor, p.110 Edições Paulinas, 1992.*

Supõe-se que muito das dificuldades humanas a respeito da sua sexualidade, são constituídas e elaboradas a partir da construção dos modelos paterno/materno; e de quão significativo é sua percepção de cada um desses elementos nesse contato, do nível de afetividade e de auto-amorosidade que a criança constitui em si a partir dessas relações. Essa interação dá ao ser em desenvolvimento a possibilidade de amar a si e ao outro, bem como sua plenitude e as variáveis de negações ou impossibilidades de compartilhar desse sentimento. Creio mesmo que esse referencial na constituição amorosa da criança, agregado a suas variáveis de percepção, constituir-lhe-á maior ou menor possibilidade de sua liberdade de expressão afetivo-amorosa. Bem como modelos de integridade, de ética, respeito, moralidade, dedicação, interesses, sensibilidade e coragem para ser verdadeiros.

... segue-se que, já antes de nascer, filho tem necessidade do amor dos pais, um amor que deve fundar-se numa verdadeira relação de amor dos pais entre si. Vemos que para ser verdadeiramente “acolhido” e amado, o filho deve ser “fruto do amor” dos pais. A geração do filho deveria entrar sempre em sua história de amor. Ainda que não seja esperado naquele exato momento, o filho já terá feito parte de seus projetos e não aparecerá em sua vida como um intruso, mas será esperado e amado já antes.

Pode-se dizer, enfim que na relação concreta e afetiva com os filhos, à medida que eles crescem, os pais compreenderão que é necessário continuar a “gerá-los”, isto é que compete a eles ajudar a se desenvolverem no filho as potencialidades de sua personalidade em crescimento em tudo o que considerem bom para ele: providenciando sua instrução, corrigindo-o quando erra, formando-o em hábitos sadios e transmitindo-lhe os valores morais e espirituais de sua cultura. Pai e mãe se dividem nesses deveres



da educação, que é a parte mais difícil para os pais, e ai deles se não se mostrarem de acordo! Sem se darem conta, eles se tornam para os filhos o primeiro modelo de homem ou de mulher, de cônjuges, de pais (pode-se compreender assim que é anti-educativo, isto é, prejudicial para a formação da personalidade dos filhos, o “anular-se”, sobretudo da mulher quando deixa absorver e depois esmagar pelos deveres da casa; mas o mesmo se dá quando o pai vive só para seu trabalho). *VERONESE,GIULIA, Dimensão Humana do Sexo- corporeidade e amor, p.115 Edições Paulinas, 1992.*

### **3.2 EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS**

Ao se considerar o tema “Educação sexual nas escolas” é impossível não falar de Alexander Sutherland Neill ou A. S. Neill, que fundou “Summerhill School” em Leiston, Condado de Suffolk, Inglaterra no ano de 1921, tinha como base uma pedagogia da liberdade. No início do século passado a visão de Neill sobre a educação faz dele um precursor na renovação da relação ensino e aprendizagem.

As idéias e ideais pedagógicos de Neil aconteceram a partir da fundação de Summerhill , propostas distintas da linha hegemônica da época. Sustentava que os jovens deveriam ser estimulados a aprender em um ambiente de liberdade e de responsabilidade.

O autor parte do princípio de que a humanidade está doente e essa doença decorre do tratamento repressivo que as crianças recebem numa sociedade patriarcal. Inclusive nas questões ligadas à repressão sexual, em especial quando associadas a normas religiosas mal compreendidas. Responde a isso afirmando que toda criança tem direito à liberdade e que um grupo de crianças se auto-regula, estabelecendo em conjunto as próprias normas.

[...]uma vida que não pode ser integralmente vivida. Tal educação ignora quase inteiramente as emoções da vida, e porque essas emoções são dinâmicas, a falta de oportunidade de expressão deve resultar, e resulta, em insignificância, em fealdade, em hostilidade. Apenas a cabeça é instruída. Se as emoções tivessem livre expansão, o intelecto saberia cuidar de si próprio. (NEILL, 1963, p. 93).

Em Summerhill, as crianças não são obrigadas a assistir as aulas e, além disso, as decisões da escola são tomadas em assembléias onde todos votam,

incluindo professores, alunos e funcionários. Para o autor, a experiência nessa escola mostrou que, sem a coerção das escolas tradicionais, os estudantes orientam sua aprendizagem através do seu próprio interesse, ao invés de orientar pelo que lhe é imposto.

Na escola, nenhum adulto tem mais direito que uma criança, todos tem direitos iguais. Nesse sentido o autor destaca a diferença entre os conceitos de liberdade e licença. Para Neill todos devem ser livres, porém isso não implica numa liberdade sem limites. Ninguém tem licença para interferir no espaço de outra pessoa e, ao mesmo tempo, todos têm total liberdade para fazerem o que quiserem no que disser respeito a si próprio. Por isso que ninguém deve determinar quais aulas uma criança deve freqüentar. Mas, ao mesmo tempo, ninguém tem direito de atrapalhar uma atividade coletiva. Liberdade não pode significar direito de fazer o que bem quiser a hora que quiser. Excesso de liberdade se transforma em licenciosidade.

Neill criticava a escola tradicional também por enfatizar demais o lado racional das pessoas, em detrimento do lado emocional. Nesse sentido, em sua escola o teatro, a dança, os trabalhos manuais, ganham um destaque grande frente às disciplinas tradicionais. As aulas das matérias convencionais existem, mas não são o centro da escola.

Como diretor, ele dava aulas de álgebra, geometria e trabalhos manuais. Geralmente dizia que admirava mais aqueles que possuíam habilidades para o trabalho manual do que aqueles que se restringiam ao trabalho intelectual. Durante um período trabalhava individualmente com alguns alunos numa espécie de sessão de terapia. Após algum tempo abandonou esse trabalho individual, pois concluiu que com as sessões ou sem os alunos resolviam seus problemas de qualquer forma. A liberdade era a responsável por isso.

Neill escreveu o livro **Liberdade sem medo**, em 1960, neste livro Neill dedica um capítulo com o título “Sexo”, onde fala de: “Atitudes em relação ao sexo”, “Instrução sexual”, “Masturbação”, “Nudez”, “Pornografia”, “Homossexualidade”, “Promiscuidade, Ilegitimidade e Aborto”.

Este livro publicado em 1960 aborda uma série de pontos e assuntos que vão de atitudes diárias básicas a comportamentos em todas as circunstâncias, de valores ético-morais e da construção do caráter. Elementos importantes para a

formação do indivíduo. Mas o aspecto mais interessante de sua abordagem educativa, talvez seja a auto-gestão, onde a estrutura básica de todas as decisões, era estabelecida democraticamente e para atender o interesse comum.

### **Gestão democrática e auto-avaliação**

A educação em geral aproveitou muito de seu pensamento: uma relação mais aberta entre alunos e professores, que juntos podem decidir regras de conduta, o conceito de que a educação deve ser uma preparação para a vida e a escolha de conteúdos que levem em conta o interesse prévio de cada um são alguns dos legados da pedagogia de Summerhill. Mas esses seriam apenas detalhes, pois, na essência, os princípios desse educador estariam em xeque. "As discussões sobre as causas da violência e da indisciplina têm apontado para uma omissão da família e da escola em relação ao estabelecimento de limites. Procura-se hoje fazer com que pais e professores exerçam sua autoridade, sem sentir-se culpados", analisa Luiz Fernando Sangenis.

### **Para pensar**

Muitas das idéias de Neill foram incorporadas a diferentes teorias pedagógicas. Na maioria dos casos, de forma relativizada. Cada vez menos colégios mantêm um esquema totalmente rígido de controle dos alunos, mas também não são muitos os que adotam a liberdade radical. No mundo violento e complexo de hoje, como conciliar o desenvolvimento da responsabilidade com a liberdade? Como educar para o bem comum e, ao mesmo tempo, respeitar a individualidade de todos? Neill diria que o importante são o indivíduo e seu bem-estar. Cabe a cada um agir de acordo com as próprias convicções e os objetivos e valores da escola em que trabalha.

Historicamente, pais, mães e educadores foram conduzidos em sua formação a crer que se as crianças forem poupadas de ouvir sobre as questões ligadas a sexo e sexualidade elas seriam preservadas e mantida sua inocência. Se desvincular do pensamento individual e coletivo arraigado na história formativa do educador pode exigir muito, mas se faz importante reorientar caminhos. Para a criança não deveria haver perguntas sem respostas, seria muito importante que elas tivessem oportunidade de ver, perceber e ter esclarecidas todas as suas dúvidas e questionamentos. É essencial que a educação infantil desenvolva uma maneira

sensível, respeitosa e objetiva de trabalhar com clareza a questão da sexualidade e suas implicações, oportunizando às crianças sua ampla compreensão.

A sexualidade é a dimensão mais prazerosa do indivíduo e também, a que causa o maior número de preocupações, sobretudo nos setores da sociedade onde estão em formação as crianças e os jovens: a família e a escola. Nosso maior desafio é ajudá-los a expandirem seu potencial e não impedirem os movimentos que a natureza sabe realizar em direção ao bem estar, ao prazer, à felicidade. (CARIDADE, 1993, p.164)

Segundo Gaglioto (2004) faz uma abordagem positiva sobre a educação sexual entre crianças de primeira a quarta séries do primeiro grau. Destaca a importância do ser criança para, nesse reconhecimento, fazer justiça e prestar uma homenagem a esse, momento especial da vida pela qual anseiam nossos projetos adultos de felicidade. Lembra alguns princípios educacionais levantados pelos grandes pensadores, os quais postulam o respeito à criança, na certeza de que também em educação sexual não se pode prescindir dessas formas de ver e pensar. Faz algumas reflexões sobre a dinâmica da criança, salientando que, nessa faixa etária, segundo Freud, ela se encontra no período de *latência* da sexualidade, embora completamente aberta aos ensinamentos sobre a vida, o prazer e o sexo. Por fim, tenta relacionar essas reflexões com possíveis articulações metodológicas, na certeza de que a forma mais acertada será a mais criativa, a mais espontânea e portanto, a que alcançar a criança de modo significativo e eficiente.

Por estar a criança no alvorecer de seu desenvolvimento, por não ter sido maculada ou recheada sua consciência de conceitos que não lhe pertence, a criança se sente completamente livre de quaisquer idéias preconcebidas pelos adultos. Assim sendo a criança recebe informações sobre sua sexualidade de maneira natural, com espontaneidade, de forma simples, despojada e pronta para agregar e conservar em seu cabedal de saberes, que terá disponível para utilizar em momento particular de sua juventude ou maturidade.

É todo o mundo contemporâneo que se interroga, às vezes com angústia. A desconfiança para com o prazer sexual não é novidade para a herança cultural do ocidente: o puritanismo, por exemplo, está longe de ser um fenômeno tipicamente religioso. Muitos sexólogos denunciam a sociedade atual – capitalista – como repressiva. Muitos jovens e menos jovens vivem à margem da sociedade atual para restituir ao prazer e à alegria de viver um lugar significativo.

A criança, se orientada sexualmente desde cedo sobre os prazeres, não sofrerá, ou talvez corra menos risco de sofrer, as conseqüências da falta de esclarecimentos, como por exemplo, uma gravidez precoce na adolescência, o que pode se tornar uma barreira, bloquear ou até mesmo impedir os estudos de uma adolescente.

Faz-se necessário, que a escola ofereça mais informações para o processo de orientação consciente, que dada na hora certa e de maneira correta, influenciará na aprendizagem e até mesmo na formação da personalidade e dignidade do educando.

A Educação Sexual nas escolas já é definida num núcleo comum para o Ensino Fundamental como Tema Transversal, podendo ser trabalhada em qualquer disciplina; visando propiciar às crianças a possibilidade de exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa, para que eles não tenham experiências traumáticas, cheias de deturpações como, por exemplo: gravidez indesejável, aborto, doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, entre outros.

Os Temas Transversais propostos pelo MEC, no PCN's, abordam a necessidade do docente trabalhar a questão sexual como forma de quebrar os tabus que envolvem este assunto. É uma forma de mostrar a relação entre homens e mulheres de modo natural e apontando as conseqüências provenientes de tal relação.

Segundo Suplicy (2003) "o trabalho de educação sexual dentro de um processo educativo e ético pode ser exercido desde que o educador e educando pensem e escolham livremente como sujeito".

Se a criança está descobrindo a sexualidade e os limites do próprio corpo, é hora de ajudá-la a entender como acontecem essas mudanças. Se a criança faz uma pergunta considerada embaraçosa sobre sexo em sala de aula, a professora deve responder.

## 4 METODOLOGIA

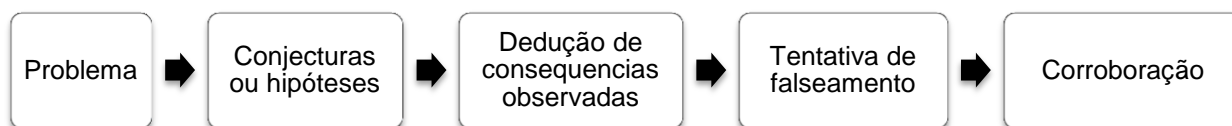
### 4.1 Fundamentações teóricas da metodologia

O presente trabalho tem como método de pesquisa o **método hipotético-dedutivo** e caracteriza-se como uma pesquisa de **abordagem quali-quantitativa** na modalidade de **estudo de caso**.

De acordo com Gil (2012), o método hipotético-dedutivo é utilizado quando existe o surgimento de um problema devido ao fato dos conhecimentos disponíveis acerca de determinado assunto serem insuficientes para a explicação de um fenômeno. O autor discorre que na tentativa de explicar a dificuldade expressa no problema, formula-se conjecturas ou hipóteses e dessas formulações deduzem-se conseqüências que deverão ser testadas ou falseadas.

Falsear significa tentar tornar falsas as conseqüências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo procura-se a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la. Quando não se consegue demonstrar qualquer caso concreto capaz de falsear a hipótese, tem-se a sua corroboração, que não excede o nível do provisório.(GIL, 2012, p.12-13)

Para Gil (2012, p.12), pode-se apresentar o método hipotético dedutivo a partir do seguinte esquema:



Para Gil (2012) os propósitos que permeiam as pesquisas de estudo de caso são:

- a) explorar situações de vida real cujos limites não estão sendo claramente definidos;
- b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos. (Gil 2012, p. 58)

A técnica de coletas de dados utilizada foi um **questionário** -ver apêndice 1- elaborado pelo presente pesquisador e **análise documental** sobre o espaço que é concedido as informações pertinentes à Sexo e Sexualidade no programa de formação do pedagogo no curso de pedagogia da Universidade de Brasília. O questionário traz a abordagem quantitativa através da tradução dos dados em números que também permitem a análise da hipótese levantada. Por se tratar de um

estudo de caso que também envolve sujeitos e leva em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades, a pesquisa se classifica também como qualitativa, pois alguns pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis.

#### **4.2 Contexto e participantes da pesquisa**

O contexto de realização da pesquisa se deu na Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB) durante o primeiro semestre de 2013. Aplicou-se um questionário a 40 alunos do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da UnB, o que equivale a aproximadamente 33% do total de seus discentes.

Como foi dito anteriormente, realizou-se também uma análise documental acerca do espaço concedido a abordagem de Sexo e Sexualidade no programa de formação do Pedagogo no Curso de Pedagogia da UnB, entrando no contexto da pesquisa, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental no que diz respeito a existência de abordagens sobre Sexo e Sexualidade e o currículo da Faculdade de Educação da UnB.

#### **4.3 Problema, Hipótese e Objetivos de pesquisa**

Do tema Sexo e Sexualidade na formação de educadores surgiu o problema que norteará todo este trabalho: *qual a abordagem de Sexo e Sexualidade na formação de educadores?* Diante do tema a ser pesquisado, elaborou-se a **hipótese** de que *não há abordagem significativa na formação de educadores para o empoderamento destes no que se refere a Sexo e Sexualidade.*

O **objetivo geral** está em *investigar a abordagem de sexo e sexualidade na formação de educadores.* Para efetivação da pesquisa elaborou-se três **objetivos específicos**, a saber:

- 1) Analisar os Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais no que se refere a Sexo e Sexualidade;
- 2) Investigar o espaço concedido à temática Sexo e Sexualidade no currículo da Faculdade de Educação da UnB;
- 3) Analisar os dados obtidos no questionário aplicado a alunos do curso de pedagogia.

## **5 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS**

### **5.1 O PCN e o Currículo da Faculdade de Educação**

No que se refere aos Temas Transversais abordados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, identifica-se a abordagem de sexo e sexualidade no volume 8: Orientação Sexual.

O documento diz que (...)

As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, muitas vezes, para compreender comportamentos e valores pessoais é necessário contextualizá-los social e culturalmente. É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. O alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição infantil, o crescimento da epidemia de AIDS, a discriminação salarial das mulheres no mercado de trabalho, são algumas das questões sociais que demandam posicionamento em favor de transformações que garantam a todos a dignidade e a qualidade de vida prevista pela Constituição brasileira.

Por outro lado, os valores que se atribuem à sexualidade e aquilo que se valoriza são também produtos socioculturais. Como nos demais Temas Transversais, diferentes códigos de valores se contrapõem e disputam espaço. A exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm feito um uso abusivo da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo.

Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescentes.

A proposta apresentada nos PCN de Orientação Sexual caracteriza-se por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a ressignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. Ressalta-se a importância de se abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, mas



também e principalmente aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade.

No trabalho de Orientação Sexual são muitas as questões às quais se devem estar atento. Em primeiro lugar, trata-se de temática muito associada aos preconceitos, tabus, crenças ou valores singulares. Para que o trabalho de Orientação Sexual possa se efetivar de forma coerente com a visão pluralista de sexualidade aqui proposta, é necessário que as diferentes crenças e valores, as dúvidas e os questionamentos sobre os diversos aspectos ligados à sexualidade encontrem espaço para se expressar. Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

Para isso, optou-se por integrar a Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio da transversalidade<sup>2</sup>, o que significa que tanto a concepção quanto os objetivos e conteúdos propostos por Orientação Sexual encontram-se contemplados pelas diversas áreas do conhecimento.

Dessa forma, o posicionamento proposto pelo tema de Orientação Sexual, assim como acontece com todos os Temas Transversais, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática da sexualidade por meio da sua própria proposta de trabalho. Ao se apresentarmos conteúdos de Orientação Sexual, serão explicitadas as articulações mais evidentes de cada bloco de conteúdo com as diversas áreas.

Além disso, o trabalho de Orientação Sexual implica o tratamento de questões que nem sempre estarão articuladas com as diversas áreas do currículo — seja porque se trata de questões singulares que necessitam, então, de um tratamento específico, seja porque permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, surgindo de maneira emergente e exigindo, do professor, flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhar essas questões. As manifestações da sexualidade, diferentes em cada etapa do desenvolvimento, são um exemplo disso. Muitas vezes o professor encontrará aí excelente oportunidade para desenvolver um trabalho extra programação.

A sexualidade provoca nas crianças uma grande variedade de sentimentos, sensações e dúvidas.

Todas essas manifestações são objeto de trabalho do tema Orientação Sexual. Embora não sejam passíveis de serem programadas, elas acontecem inevitavelmente e, para isso, o professor deverá estar preparado: deverá se planejar para trabalhar essas situações no momento em que elas acontecerem. A atitude do professor de acolhimento a essas expressões e de disponibilidade para ouvir e responder a questões é fundamental para o trabalho que aqui se propõe.

O trabalho de Orientação Sexual deverá, portanto, se dar de duas formas: dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados, nas diferentes áreas do currículo, e extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema.

A partir da quinta série, além da transversalização já apontada, a Orientação Sexual comporta também uma sistematização e um espaço específico. Esse espaço pode ocorrer na forma de uma hora-aula semanal para os alunos (dentro ou fora da grade horária existente, a depender das condições de cada escola). Da quinta série em diante os alunos já apresentam condições de canalizar suas dúvidas ou questões sobre sexualidade para um momento especialmente reservado para tal, com um professor disponível. Isso porque, a partir da puberdade, os alunos também já trazem questões mais polêmicas em sexualidade, já apresentam necessidade e melhores condições de refletir sobre temáticas como aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia, prostituição e outras. Se antes os alunos se informavam sobre o aborto, nessas séries surge a discussão sobre as complexas questões que ele envolve. Se antes os alunos recebiam mensagens sobre os valores associados à sexualidade, agora vão discutir, questionar e configurar mais claramente seus próprios valores. É importante que a escola possa oferecer um espaço específico dentro da rotina escolar para essa finalidade.

O trabalho de Orientação Sexual pode ser planejado com maior detalhamento, tendo como ponto de partida a montagem do programa feita por cada turma. Cabe então ao educador responsável pela organização dos temas (a partir das questões trazidas pelos alunos), a inclusão de tópicos essenciais por vezes não levantados pelos jovens (prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo) e o estabelecimento de regras necessárias para o trabalho. Essas regras devem garantir a privacidade de cada um, o respeito às posições divergentes, a

construção de um clima de grupo amistoso e acolhedor onde possa ocorrer o diálogo.

Ao questionar e criticar os tabus e preconceitos ligados à sexualidade e trabalhar com conhecimentos e informações que visam a promoção do bem-estar e da saúde, esse trabalho se entrelaça com objetivos e conteúdos contemplados também em outros temas, principalmente Ética e Saúde.

O documento enfatiza ainda que as manifestações da sexualidade infantil mais freqüentes acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, nas perguntas ou ainda na reprodução de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta.

No espaço doméstico, os familiares atribuem seus próprios valores a essas manifestações, por meio das mais variadas posturas. Alguns reconhecem como legítimo o desejo da criança, outros o consideram nocivo. Essas manifestações também acontecem no âmbito escolar e é necessário que a escola, como instituição educacional, se posicione clara e conscientemente sobre referências e limites com os quais irá trabalhar as expressões de sexualidade dos alunos. Se é pertinente ao espaço da escola o esclarecimento de dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a escola contribua para que a criança discrimine as manifestações que fazem parte da sua intimidade e privacidade das expressões que são acessíveis ao convívio social.

As manifestações mais freqüentes nos ciclos iniciais são a manipulação curiosa dos genitais e as brincadeiras que envolvem contato corporal nas regiões genitais. A intervenção do educador nessas situações deve se dar de forma a apontar a inadequação de tal comportamento às normas do convívio escolar. Não se trata portanto de julgar tais manifestações, mas apenas de delimitar a inadequação do espaço da escola para sua efetivação. Cabe ao educador compreender, então, que não se trata de aberração que justifique informar os pais sobre tais fatos, devendo a própria escola estabelecer diretamente com seus alunos os limites para o que pode ou não ocorrer dentro dela. A chamada dos pais à escola só se justifica quando forem práticas muito recorrentes e estejam interferindo nas possibilidades de aprendizagem do aluno.

É comum nesses ciclos a curiosidade sobre concepção e parto, relacionamento sexual ou AIDS. Muitas vezes a curiosidade se expressa de forma direta. Outras vezes surge encoberta em brincadeiras erotizadas, piadas, expressões verbais, músicas, etc. Observa-se também que as crianças reproduzem manifestações de sexualidade adulta vistas na TV ou presenciadas. Cabe ao educador identificar essas manifestações como curiosidades acerca dos aspectos relacionados à sexualidade e intervir pontualmente, permitindo que as dúvidas possam ser colocadas e o assunto possa ser tratado de forma explícita e direta. Essa intervenção deve esclarecer as dúvidas do(s)aluno(s) e, se o tema for de interesse geral, o professor deve oferecer espaço para discussão e esclarecimento.

O documento propõe também que, ao se definir o trabalho com Orientação Sexual como uma de suas competências, a escola estará incluindo-o no seu projeto educativo. Isso implica uma definição clara dos princípios que deverão nortear o trabalho de Orientação Sexual e sua explicitação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos. Esses princípios determinarão desde a postura que se deve ter em relação às questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na escola, até a escolha de conteúdos a serem trabalhados junto com os alunos. A coerência entre os princípios adotados e a prática cotidiana da escola deverá pautar todo o trabalho.

Para garantir essa coerência ao tratar de tema associado a tão grande multiplicidade de valores, a escola deverá estar consciente da necessidade de se abrir um espaço para reflexão como parte do processo de formação constante de todos os envolvidos no processo educativo.

Importante salientar que, no âmbito do currículo da Faculdade de Educação da UnB, o espaço concedido à temática Sexo e Sexualidade é inexistente, ficando a critério de alguns professores mencionarem a temática ou não, embora constata-se disciplinas relacionadas a gênero, mas nenhuma voltada para a atenção a formação em sexualidade habilitando o pedagogo a atender as demandas e necessidades do ensino fundamental seu público alvo.

## **5. Resultados e análise dos dados obtidos no questionário aplicado a pedagogos em formação**

O questionário foi aplicado a pedagogos em formação pela Universidade de Brasília. Dos 40 discentes entrevistados, apenas 4 possuem outra graduação.

Foram distribuídos aleatoriamente na faculdade 40 questionários durante um dos dias letivos do primeiro semestre de 2013. A única exigência para responder o questionário era cursar Pedagogia na UnB ou no mínimo ter se formado no respectivo curso recentemente.

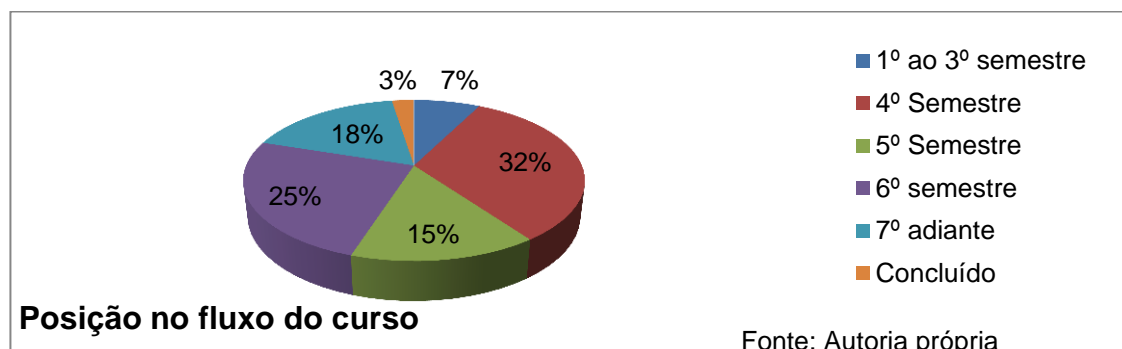
### Perfil dos Participantes

A idade dos participantes variou entre 17 a 33 anos de idade, a média geral era de 22 anos. Trinta e dois (32) alunos biologicamente nascidas no sexo feminino(80%), oito (08) nascidos de sexo masculino ou 20%. Destes um (01) se declarou bi-sexual, dois (02) se consideram hétero, seis (06) masculino e trinta e um (31) do sexo feminino. A variedade de regiões administrativas das quais os participantes são oriundos e até mesmo a variedade de cidades em que os mesmos nasceram torna a pesquisa mais relevante no sentido de identificar opiniões que não são constituídas ou até mesmo provenientes de apenas um meio específico que se inserem os entrevistados.

**Dos quarenta participantes**, um (01) iniciou o curso em 2007, quatro (04) em 2008, seis (06) em 2009, treze (13) em 2010, (13) em 2011 e apenas tres (03) começaram em 2012.

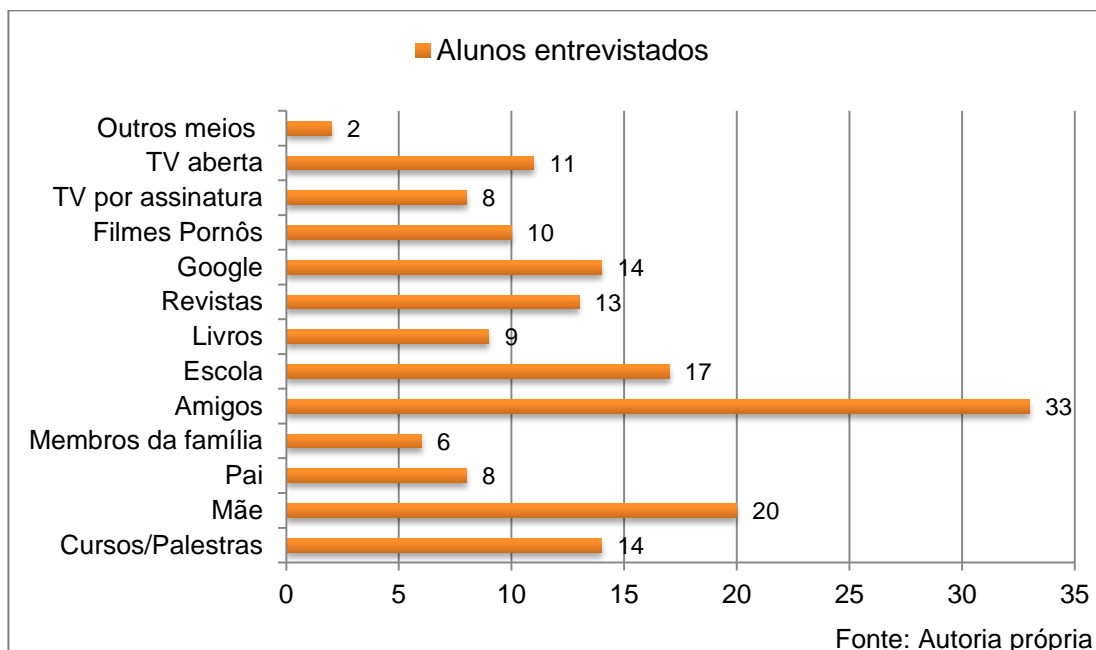
Um dos primeiros dados analisados refere-se ao curso e contempla especificamente os objetivos de pesquisa, trata-se do semestre em que esses alunos estavam cursando, resultado disponível no gráfico abaixo, onde se percebe que os participantes estão em semestres onde relativamente já se pode esperar o contato ou conhecimento com o tema.

**GRÁFICO 1 – POSIÇÃO DO ALUNO NO FLUXO DO CURSO**



No gráfico a seguir, se tem uma dimensão da origem do conhecimento obtido sobre sexo e sexualidade pelos entrevistados.

**GRÁFICO 2 - MEIO DE OBTENÇÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE SEXO E SEXUALIDADE**



Como se vê acima no gráfico, com relação aos meios de obtenção das informações, o respondente tem múltiplas opções, entre elas destacou-se treze(13) no questionário e é assim que a maioria das pessoas (onde 32 são mulheres e 8 homens) constroem seus saberes a respeito de sexo e sexualidade. Em um grupo de quarenta respondentes dos quais 20 respondentes aprendem com a mãe, 17 aprendem na escola, 14 aprendem com: Cursos/palestras, google. Observa-se que os meios de obtenção das informações sobre sexo e sexualidade se apresentam bastante diversificados e que a influência dos amigos foi o meio preponderante de informações sobre sexo e sexualidade, com 33 participantes. Se a grande maioria aprende com os amigos, provavelmente, estes estão no mesmo nível de conhecimento, ou seja, não se agrega valores ou novos saberes aos já reconhecidos em seus níveis de importância, ressaltando ainda que a escola não aborda essa temática de maneira regular numa disciplina específica ou mesmo a Faculdade de Educação-UnB não tem essa disciplina em seu currículo. Tardif (2002, apud FERENC; MIZUKAMI; 2005, p. 8) já falava que o saber docente é considerado uma produção social, sujeita a revisões e reavaliações, podendo ser fruto de uma interação entre sujeitos do ambiente escolar inseridos num contexto, onde se analisa os saberes docentes, tendo em vista as condições históricas e sociais nas quais se exerce a profissão, uma vez que, estes possuem, em virtude de sua experiência de

vida pessoal, saberes próprios que são influenciados por questões culturais e sociais.

No que se refere aos dados relacionados a obtenção de informações através do pai e da mãe, devemos nos atentar para o fato de que ter muito tempo de experiência e atividade sexual regular, não garante conhecimento, possibilidade de sanar dúvidas e discutir teoricamente sobre o tema proposto. Enquanto a educação não levar a sério a necessidade de clarear a ignorância que vaticina ao ser humano a incompletude, continuaremos fugindo um do outro, por não conseguirmos compartilhar e construir em harmonia permanente. Apenas a educação pode quebrar essa condição histórica e clarear a falta de conhecimento nessa parte tão importante da vida humana. É preciso criar espaços de esperança, construir estradas que nos conduza a um destino mais feliz. É preciso ter coragem para redirecionar a própria história, dar novos rumos e possibilidades para o crescimento humano. É preciso investir em projetos de pesquisa, constituir grupos multidisciplinares para investigar e discutir a sexualidade humana: seus aspectos fisiobiológicos, as interações solidárias ou não, as várias nuances afetivo-emocionais e a subjetividade que envolve o ser humano em relação a sua sexualidade é a partir dessa condição que ele se sente, que interfere na maneira que ele se constroi e se comporta nas mais variadas circunstâncias de sua vida.

Não é possível a alguém estabelecer linhas de “verdades” sobre esse tema, mas é preciso gerar espaços de discussão, construção de saberes e conhecimento mais aprofundado sobre o ser humano para trazer a luz, aquilo que mantém tão escondido, que nem mesmo ele o sabe.

A pedagogia é a ferramenta mais adequada, para tirar a raça humana da hipocrisia que viceja em todos os espaços sociais.

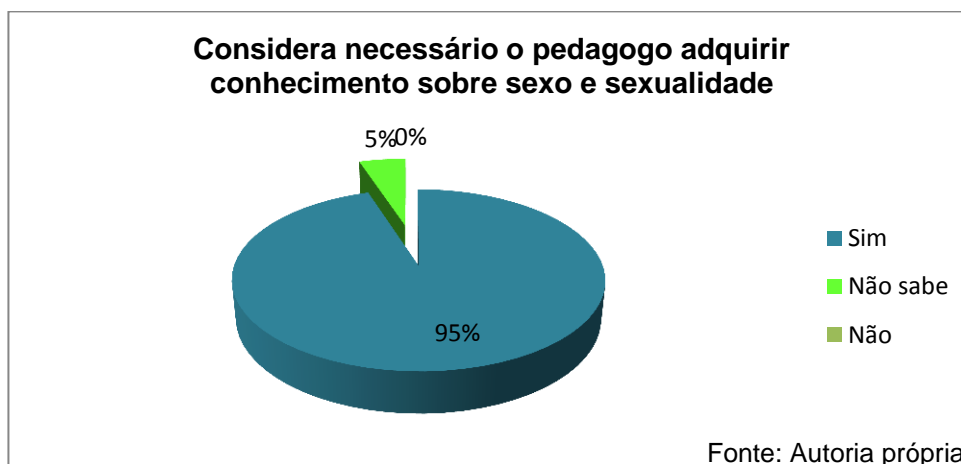
Nos tempos atuais há muito mais possibilidades de construção de conhecimentos e saberes a respeito de sexo e sexualidade. Em vez das pessoas buscarem se conhecer, abrir-se ao compartilhamento, para a entrega e a descoberta do outro... a qualquer sinal de insatisfação da parceria, fogem do diálogo, da discussão, pois se sentem impotentes frente ao desconhecido ou interrompem nesse ponto a relação, admitir não ter controle da situação ou não ter soluções é algo que o ser humano comum dificilmente concebe.

Na pergunta “O que você entende sobre SEXUALIDADE HUMANA?” **(Pergunta 11)**, houve 8 entrevistados que a deixaram em branco evidenciando o despreparo a responder tal pergunta. Entre os participantes que responderam, destacamos algumas respostas para análise:

- Relacionamentos íntimos entre duas pessoas.
- Sexo brutal.
- Desejo do corpo, mente, instinto interno e externo à pessoa.
- Relação de afeto independente de sexo ou gênero.
- Para mim é o gênero, o sexo que você nasce, e isso define homem de mulher.
- Entendo que o ser humano é complexo e definir sua sexualidade não é cabível a nenhum outro ser humano.
- É algo importante a ser tratado, mas acredito que a família é que deve tratar desse assunto com as crianças.
- É um sentimento humano vindo de razões biológicas e psicológicas.

O fato de se referirem a sexualidade como descrito nos exemplos citados acima e diante de tais respostas, percebe-se grande nível de insegurança e distorções relativas às informações a respeito de sexo e sexualidade, na construção conceitual dos participantes/alunos de Pedagogia na Faculdade de Educação. Assim sendo, resta nos refletir sobre quais parâmetros esse pedagogo formado na UnB, utilizará para a abordagem sobre essa temática quando em sala de aula for lhe exigido uma mediação.

**GRÁFICO 3 – Pergunta 12**



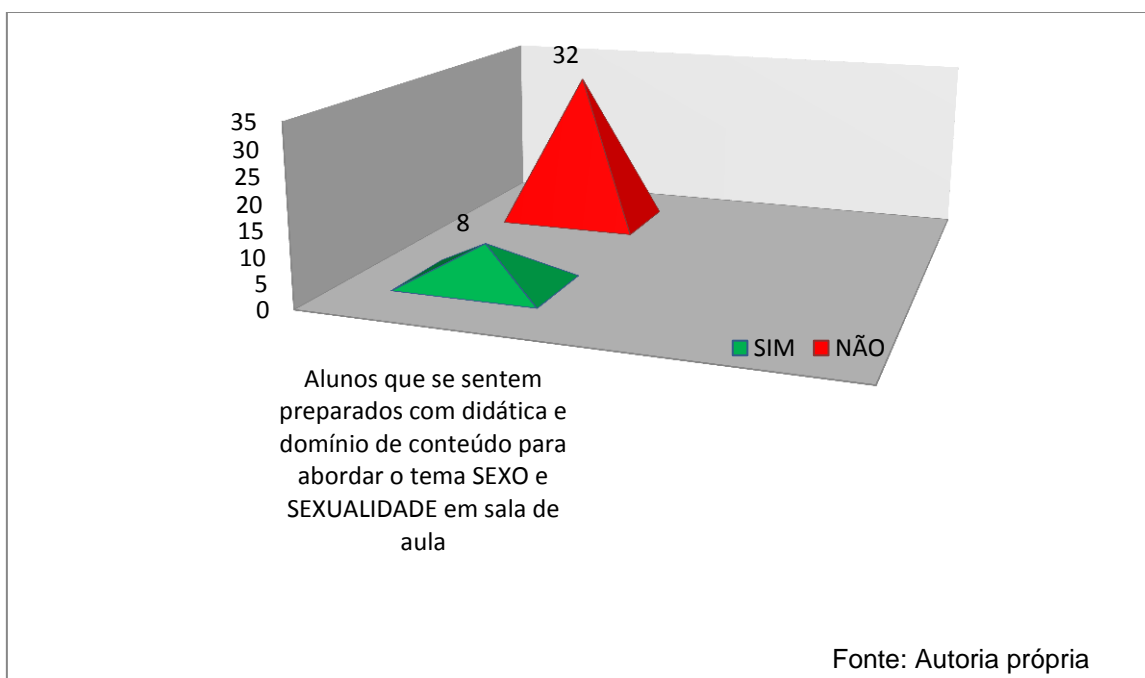


Como consta no gráfico acima a respeito da **pergunta 12** – Você acha necessário o pedagogo adquirir conhecimento sobre SEXO e SEXUALIDADE? – 95% dos entrevistados consideram necessários, porém oito alunos não responderam por que consideram necessário. Alguns responderam que consideram necessário por que:

- As crianças procuram saber do tema.
- O tema é recorrente entre jovens.
- Para saber orientar melhor os alunos.
- O Professor tem que estar preparado para o tema.
- Para prevenção de Dst's e gravidez indesejada.
- Por ser questão pouco discutida.

De acordo com as respostas, importante (depreender) considerar que os respondentes são alunos em formação, podem ou não ter tido experiência em sala de aula, as questões evidenciam que os respondentes não se sentem habilitados a atender as prováveis demandas envolvendo a temática em questão e necessitam de formação que os complete. Assim como o gráfico (gráfico 4) abaixo corrobora e confirma essas afirmações e também a hipótese do presente trabalho.

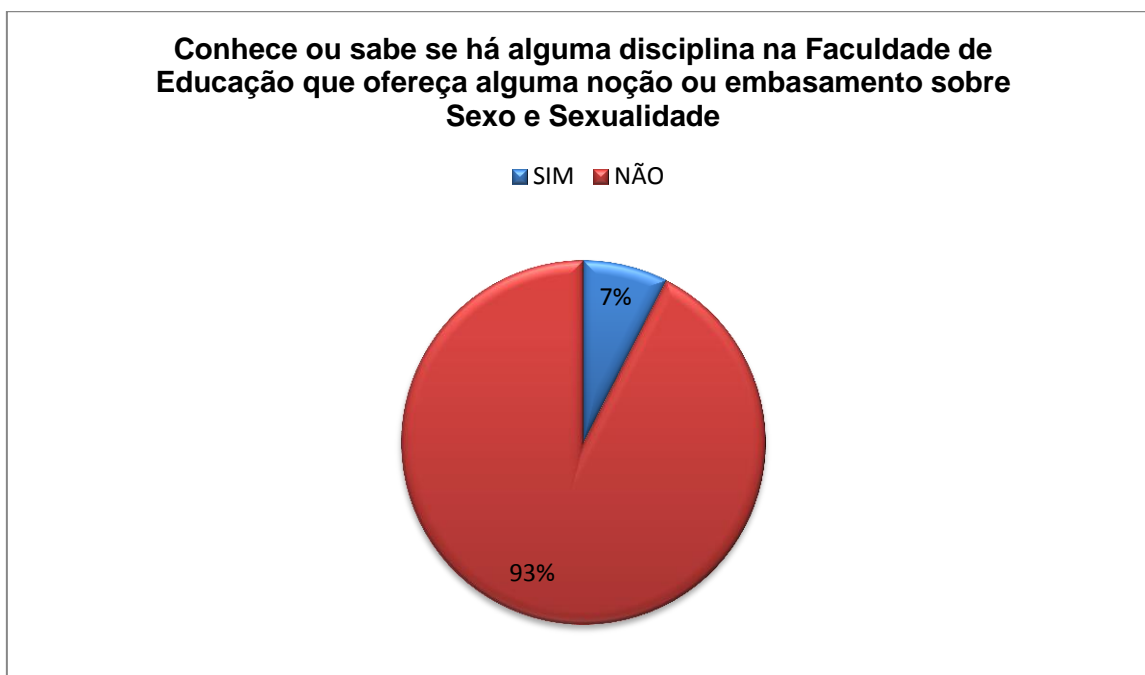
**GRÁFICO 4 – Pergunta 15**



Nesse contexto de formação dos educadores e “despreparo” dos alunos do curso de pedagogia, o gráfico a seguir- referente a pergunta 14- mostra mais uma

vez, assim como o próprio currículo da FE, a ausência de um espaço dedicado a temática sexo e sexualidade no curso, mostra que, os próprios alunos não conhecem ou não tiveram acesso a alguma disciplina que ofereça alguma noção ou embasamento sobre a temática.

**GRÁFICO 5 – Pergunta 14**



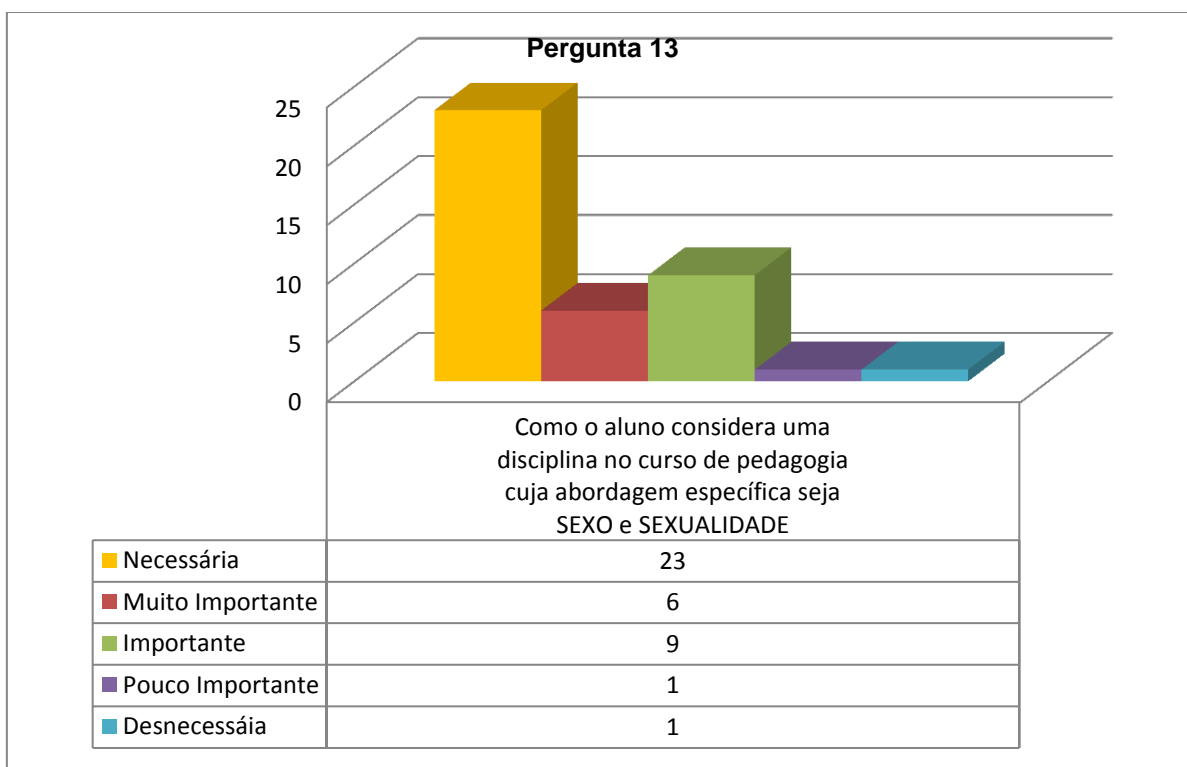
Na pergunta 14 mais de 90% dos entrevistados desconhecem alguma disciplina na FE que aborde sobre o tema, os que conhecem afirmaram que:

- Sim a disciplina de Psicologia da educação e Perspectiva do Desenvolvimento Humano
- Gênero e educação
- Antropologia e Educação, aborda algumas questões de gênero e diversidade.

No entanto, constata-se na própria descrição dessas disciplinas mencionadas no currículo da FE, uma atenção mais específica a gênero, focada em questões de preconceito e por raras vezes a conformação biológica, não necessariamente dirigidas à própria sexualidade humana ou questões sexuais. A hipótese elaborada no início da pesquisa fica impossível de ser negada ou contradizer-se com a realidade dos dados obtidos.

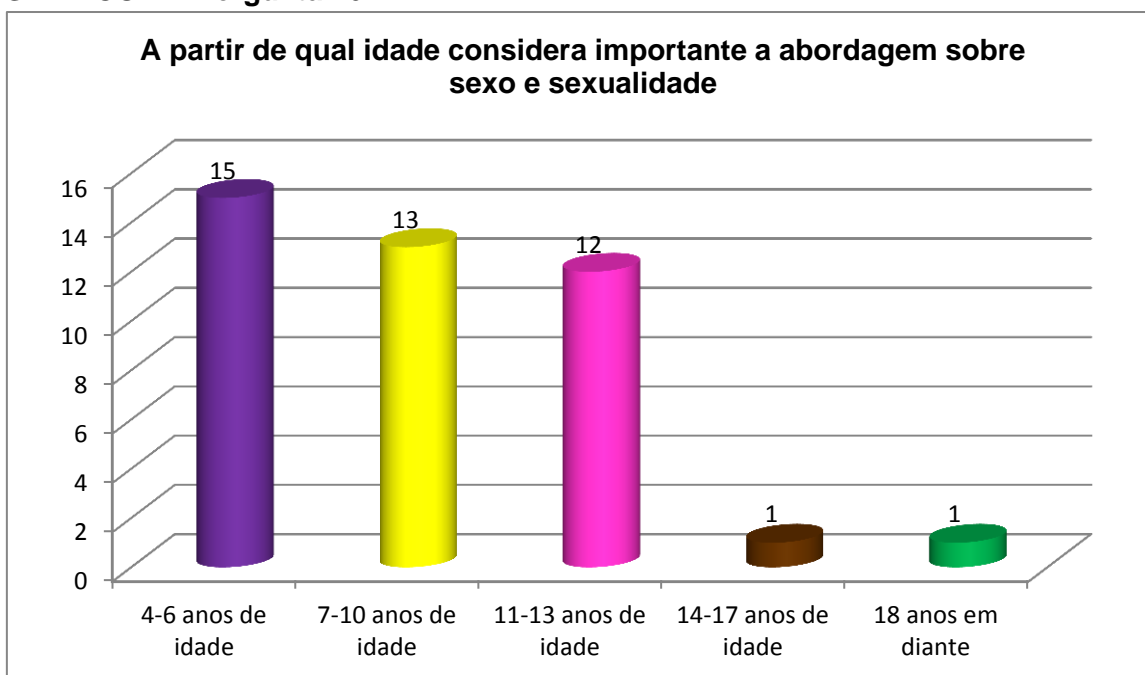
Os próximos gráficos estão relacionados às considerações dos próprios alunos sobre a relevância da abordagem de Sexo e Sexualidade na formação de educadores

**GRÁFICO 6 – Pergunta 13**



Fonte: Autoria própria

**GRÁFICO 7 – Pergunta 16**



Fonte: Autoria própria

Conforme o explicitado nestes gráficos, questão a transcrição dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário já citado, depreende-se que esses resultados caracterizam o pensamento dos respondentes de acordo com as disciplinas por eles encontradas, onde a ausência de disciplinas que possibilitem o atendimento do PCN em seu volume 8, no que se refere a sexualidade na Faculdade de Educação é notadamente ausente.

Na pergunta 16 (gráfico 7), conforme explicitado pelos respondentes, não há uma definição conclusiva para idade adequada para o início do ensino do tema “sexo e sexualidade” na educação, divide-se a opinião da grande maioria por três alternativas de quatro (4) a treze (13) anos de idade, com pouca diferença entre as mesmas. Essa divisão de opiniões demonstra claramente que é importante que seja abordada essa questão desde a educação infantil, sendo fundamental na formação do educador, pois este recebe habilitação que permite trabalhar com educação desde os anos iniciais do aluno.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os educadores em formação não conhecem a sua própria sexualidade estando assim desabilitados à abordagem do tema sexo e sexualidade com naturalidade no exercício da futura profissão

O objetivo do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que, de um lado, se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, e, por outro lado, busca garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Assim, o tema Orientação Sexual deve se organizar para que os alunos, ao fim do ensino fundamental, respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano; compreender a busca de prazer como uma dimensão saudável da sexualidade.

Com isso o currículo ganha em flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades

locais e regionais e que novos temas sempre podem ser incluídos. O conjunto de temas aqui proposto: Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo.

Em tempos de transformações e mudanças sociais, é preciso compreender com maior amplitude as relações afetivo-amorosas, sem confundir com as relações estritamente erótico-sexuais; já que: O sentimento de amar acontece livremente na vida dos seres humanos, sem limite de intensidade, de quantificação de objetos de amor, independente das diferenças de idade, gênero ou raça. Toda humanidade é livre para amar o quanto desejar e puder, já que amor não ocupa espaço, não compromete aquele que ama com o objeto de seu amor; até mesmo porque amor é sentimento, não se compartilha, só se sente e é exclusivo àquele que ama. Sexo se escolhe com quem se faz.

O fato de se amar também uma pessoa do mesmo gênero, não constrange ninguém a compartilhar erótica e sexualmente com o (a) outro (a), nem mesmo é o bastante para uma classificação de gênero, e o fato de se ser homem delicado, gentil, refinado, frágil emocionalmente; ou mulher que não gosta de estar maquiada, quase sempre pronta pra uma festa, que se vista com simplicidade, que não esteja dentro do conceito social de “mulher feminina”, ou que goste de atividades diferentes do padrão comum ou pouco usual estabelecido culturalmente para as nascidas sob o sexo feminino, esses detalhes nas escolhas e personalidades de cada um, não caracteriza e nem estabelece para ninguém uma diferenciação de gênero. Todos somos humanos, semelhantes uns aos outros; estabelecer diferenças de gênero, raça, cor, padrões sociais, econômico-culturais, etc... É o mesmo que estimular as separações entre os seres, manter o ‘*status quo*’ existente, as diferenças de classe, a escravização às impossibilidades dos menos favorecidos econômica e socialmente. É manter a hegemonia e poder nas mãos de poucos, é manter a injustiça social e milhares de situações que envergonham aos espíritos íntegros, justos, equânimes, com senso de humanidade, respeito e recheados do sentimento de amor.

Conforme nossa pesquisa com alunos de graduação na Faculdade de Educação – UnB, o que se confere é uma ausência inclusive de elemento primários de saberes na área da sexualidade, essa situação ocorre pelos mesmos motivos

pelos quais seus antecedentes da mesma forma nunca receberam ou tiveram conhecimento teórico sobre sexo e sexualidade.

Importante perceber e contextualizar que a sexualidade como todos os saberes, estão em construção e reconstrução permanentes, só não estaria caso não mais houvesse possibilidades de se alcançar novos patamares de conhecimento ou se, se houvesse conseguido desenvolver o máximo que seria possível ao ser humano. Como nada disso pode-se afirmar, é possível crer que o conhecimento é estado crescente e inerente a necessidade de realização da criação e busca permanente de desenvolvimento de todo o seu potencial. Sexo e sexualidade devem ser assuntos de discussão nas Universidades que almejem a formação de educadores capazes de compreender o ato educativo como uma extensão da vida, como essa necessidade de realização da criação e busca permanente de evolução mencionada anteriormente.

## **7 PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Meus projetos após a graduação são amplos, haverá dificuldades em todos os lugares e circunstâncias, mas vou contorná-las certamente, pois me sinto muito melhor como ser humano. Chegar até esse momento é significativo, depois de ter superado tantas dificuldades e limitações que me foram impostas socialmente ao longo do tempo, principalmente as internas e psico-emocionais. Quem lê minha memória educativa, vai perceber que tive uma educação escolar com muitas interrupções, de acordo com as necessidades de momento, composta como uma colcha de retalhos e sem continuidade; isso faz com que me sinta muito mais preparado para os reveses e dificuldades.

Acho que o tema desenvolvido nesse trabalho de final de curso, muitíssimo importante; espero dar continuidade a ele fazendo pós-graduação e mestrado na Universidade de Brasília ou noutra instituição de ensino superior, dentro ou fora do país. Espero a breve termo estar publicando artigo e livro sobre: Sexo, sexualidade e suas manifestações, poemas, textos de desenvolvimento espiritual e auto-ajuda para público variado. Quero continuar fazendo palestras de prevenção de violência, abuso de drogas, gravidez indesejada, sexo, sexualidade em escolas públicas e privadas. Também escrever artigos sobre educação e sexualidade para pais e professores, para servir como elemento norteador para abordagem nessa área com

filhos, alunos, crianças e adolescentes, conduzindo-os para que vivam sua sexualidade com mais inteireza.

Gostaria muito de trabalhar em escola com educação, no entanto estou aberto para desenvolver novos projetos, de preferência àqueles vinculados ao processo de ensino e aprendizagem. Ficarei também muito feliz em atuar na área em pesquisa sobre sexo e sexualidade desvelando os mitos nela existentes, para facilitar a formação de professores nessa abordagem e contribuir com a educação. Mas principalmente e mais importante quero muito dar continuidade aos estudos reparando minhas dificuldades como aprendiz e dar outros passos no sentido da qualificação como pedagogo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

CARIDADE, A.; MONESI, A. A.; SUPLICY, M.; et al, **Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas**, Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos.1993  
Organizador Marcos Ribeiro

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual, essa nossa desconhecida**. 5ª edição, 1984, Editora Brasiliense, São Paulo

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988 16ª edição.

LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.2ª edição

NEILL A. S. **Liberdade sem Medo (Summerhill)** 6ª edição, 1968. IBRASA - Instituição Brasileira de Difusão Cultural

NEILL A. S. **SUMMERHILL, Liberdade na Escola**, 1978 Editora Brasiliense, São Paulo

DURAND, Guy. **Sexualidade e FÉ, Síntese da Teologia da Moral**. Edições Loyola, São Paulo, 1989

VERONESE, Giulia, **Dimensão Humana do Sexo- corporeidade e amor**, p.110 *Edições Paulinas, 1992.*

## REFERÊNCIAS DE SÍTIOS:

FERENC, A. V. F.; MIZUKAMI, M.G.N. Formação de professores, docência universitária e o aprender a ensinar. 2005 Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/e-book%20viii%20cepfe/LinksArquivos/10eixo.pdf>  
Acesso em 10 de novembro de 2013.

PCN disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf> Acesso em 10 de novembro de 2013.

Currículo Curso de Pedagogia –UNB, Disponível em: [http://www.unb.br/aluno\\_de\\_graduacao/cursos/pedagogia](http://www.unb.br/aluno_de_graduacao/cursos/pedagogia) Acesso em 12 de novembro de 2013.

[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277391407\\_ARQUIVO\\_VeraMarquesFazendoGenero92010TEXTOCOMPLETO.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277391407_ARQUIVO_VeraMarquesFazendoGenero92010TEXTOCOMPLETO.pdf)



<http://didaticabd.blogspot.com.br/2010/10/tendencias-pedagogicas-na-pratica.html>

<http://www.scielo.com//>

[http://www.ceped.ueg.br/anais/IIIedipe/pdfs/2\\_trabalhos/qt09\\_didatica\\_praticas\\_ensino\\_estagio/trab\\_gt09\\_insercao\\_tema\\_sexualidade\\_na\\_escola.pdf](http://www.ceped.ueg.br/anais/IIIedipe/pdfs/2_trabalhos/qt09_didatica_praticas_ensino_estagio/trab_gt09_insercao_tema_sexualidade_na_escola.pdf)

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0163.pdf>

## APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO APLICADO



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Disciplina: Projeto 5

Graduando: Márcio de Melo Portes (Síri Dharma) Matrícula: 06/36428

### Pesquisador(a): Márcio de Melo Portes (Síri Dharma)

Caríssimo(a) aluno(a) colaborador(a),

Estou desenvolvendo uma pesquisa no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília onde minha pesquisa tem por objetivo **investigar a abordagem de sexo e sexualidade na formação de educadores**. Nesse sentido, sua participação é de inestimável valor.

Você deve ficar absolutamente seguro(a) do sigilo das informações prestadas. Em hipótese alguma, divulgarei dados constantes desse roteiro de entrevista sem a sua prévia autorização.

Os espaços para as respostas não são rígidos. Portanto, havendo o desejo de fornecer desdobramentos sobre qualquer item proposto, identifique-o e anexe o complemento da resposta ao roteiro.

Desde já, agradeço sua efetiva colaboração, colocando-me à disposição para maiores informações.

Um abraço cordial,

Márcio de Melo Portes (Síri Dharma)

[siridharmasingh@gmail.com](mailto:siridharmasingh@gmail.com)

Fevereiro/2013

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_
2. Você é nascido biologicamente: ( ) Masculino ( ) Feminino
3. Você se considera de qual gênero: \_\_\_\_\_
4. Em qual cidade você reside? \_\_\_\_\_
5. Em qual cidade você nasceu? \_\_\_\_\_
6. Qual é a sua formação? \_\_\_\_\_
7. Qual seu curso? \_\_\_\_\_
8. Ano de início do curso? \_\_\_\_\_
9. Em qual semestre você está? \_\_\_\_\_
10. Como você obteve informações sobre sexo e sexualidade:  
( ) Cursos/ Palestras      ( ) Mãe      ( ) Pai      ( ) Outros membros da família  
( ) Amigos      ( ) Escola      ( ) Livros      ( ) Revistas  
( ) Google      ( ) Filmes Pornô      ( ) TV por assinatura  
( ) TV aberta      Outros meios: \_\_\_\_\_

**11. O que você entende sobre SEXUALIDADE HUMANA?**

---

---

---

---

**12. Você acha necessário o pedagogo adquirir conhecimentos sobre SEXUALIDADE?**

- Sim  
 Não  
 Não sei  
Por quê?

---

---

---

---

**13. Você já vivenciou alguma situação acadêmica, ou profissional que exigiu seu conhecimento sobre SEXO OU SEXUALIDADE?**

- Sim  
 Não  
Descreva sucintamente a situação:

---

---

---

---

**14. Como você consideraria uma disciplina cuja abordagem seja de sexo e sexualidade no curso de Pedagogia:**

- Necessária  
 Muito importante  
 Importante  
 Pouco importante  
 Desnecessária

**15. Como você se sente/sentiu/sentiria quando tem/teve/tivesse que abordar "SEXUALIDADE" com um aluno?**

---

---

---

---

**16. Como você classificaria o embasamento sobre SEXUALIDADE adquirido durante o seu curso de graduação?**

- Ótimo                       Regular                       Péssimo  
 Bom                               Insuficiente                       Suficiente

**17. Há disciplinas na Faculdade de Educação que lhe oferecem alguma noção com embasamento sobre o assunto? Se sim, cite-as.**

---

---

---

---

**18. A partir de qual faixa etária você considera importante a abordagem de sexo e sexualidade na educação acadêmica do ser humano:**

- 4-6 anos de idade
- 7-10 anos de idade
- 11-13 anos de idade
- 14-17 anos de idade
- 18 anos em diante

**Minha sincera gratidão! Suas reflexões são muito importantes para minha pesquisa. Sei que você precisou dispor de um tempo significativo para preencher este instrumento. Por isso mesmo, renovo meus agradecimentos.**

Sugestões:

---

---

---

Observações:

---

---

---